

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia



Dissertação de mestrado

**Fake News e o Ensino de Geografia: A importância da Educação Midiática em
ambientes escolares**

Jackson Vasconcelos Crizel

Pelotas, 2024

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

C936f Crizel, Jackson Vasconcelos

Fake news e o ensino de Geografia [recurso eletrônico] : a importância da educação midiática em ambientes escolares / Jackson Vasconcelos Crizel ; Bruno Nunes Batista, orientador. — Pelotas, 2024. 69 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2024.

1. Geografia. 2. Ensino. 3. Fake news. I. Batista, Bruno Nunes, orient. II. Título.

CDD 910.7

Elaborada por Fabiano Domingues Malheiro CRB: 10/1955

Jackson Vasconcelos Crizel

**Fake News e o Ensino de Geografia: A importância da Educação
Midiática em ambientes escolares**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito final à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Bruno Nunes Batista

Pelotas, 2024

Jackson Vasconcelos Crizel

Fake News e o Ensino de Geografia: A importância da Educação Midiática em sala de aula

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre(a) em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 03/12/2024

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bruno Nunes Batista (Orientador e Presidente da Banca)
Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa.Dra. Gabriela Dambrós
Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa.Dra. Lígia Cardoso Carlos
Doutora em Educação pela Universidade do vale dos Sinos

Prof.Dr. Cesar Augusto Ferrari Martinez
Doutor em Educação pela Pontificia Universidad Católica de Chile

Agradecimentos

Agradeço aos meus familiares, professores e colegas por estarem me apoiando nessa trajetória na Pós-Graduação.

Também agradeço à CAPES pela concessão de bolsa para a construção dessa pesquisa.

Resumo

CRIZEL, Jackson Vasconcelos. **Fake News e o Ensino de Geografia: A importância da Educação Midiática em ambientes escolares**. Orientador: Bruno Nunes Batista. 2024. 68 p. Dissertação de mestrado (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2024

O presente trabalho visa abordar sobre as Fake News no Ensino de Geografia. Nos últimos anos, com a disseminação mais instantânea da informação por intermédio das novas plataformas, cresceram o número de informações equivocadas recebidas pelos usuários, seja através de grupos de mensagens ou perfis em redes sociais dedicados a propagar inverdades. As chamadas fake news, ou notícias falsas tem por premissa causar desinformação, prejudicar pessoas, discursos e delimitar determinadas narrativas. Estas mentiras prejudicam as mais diversas instituições, e a ciência também é vítima. No caso da Geografia, o terreno para propagação de fake news é vasto, indo desde suposições sobre o formato do planeta onde habitamos até mesmo no reforço de estereótipos sobre determinadas regiões que acarretam em discursos de ódio e xenofobia. Promover o senso crítico e ajudar os estudantes a identificarem informações falsas é um processo importante para a difusão fidedigna do conhecimento. Com isso objetivou-se **fomentar** o estudo de educação midiática no ensino de Geografia. Para a conquista desse objetivo, essa pesquisa se baseou em três objetivos específicos. Primeiramente, **identificou-se** conteúdos propagados em redes sociais e veículos jornalísticos que faltem com a verdade em discursos com temas inerentes à ciência geográfica. A partir disso, **refletiu-se** sobre a importância da recepção e transmissão da maneira correta por meio da argumentação científica e por fim foi criada uma metodologia capaz de **desenvolver** aos alunos a capacidade de identificar informações falsas e proporcionar mecanismos para que os mesmos atuem cotidianamente para evitar o compartilhamento de Fake News, através de sequência didáticas que venham desmistificar informações falsas e seus conceitos a alunos de ensino médio. Indo até ao Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, na Turma de Eja 304, foram realizadas três sequências didáticas nas quais os alunos puderam perceber a importância do tema e a identificar conteúdos falaciosos, além disso houveram espaços para a resolução de perguntas, a fim de referendar o impacto social da proposta apresentada.

Palavras-chave: Geografia; ensino; Fake News.

Abstract

CRIZEL, Jackson Vasconcelos. **Fake News in Geography Teaching: The importance of Media Education in the classroom.** Advisor: Bruno Nunes Batista. 2024. 68 p. Master's thesis (Master's in Geography) - Federal University of Pelotas, Pelotas, 2024

This work aims to address Fake News in Geography Teaching. In recent years, with the more instantaneous dissemination of information through new platforms, the number of misleading information received by users has increased, whether through messaging groups or social media profiles dedicated to spreading untruths. The premise of so-called fake news is to cause misinformation, harm people and speeches and delimit certain narratives. These lies harm a wide range of institutions, and science is also a victim. In the case of Geography, the terrain for the propagation of fake news is vast, ranging from assumptions about the shape of the planet where we live to the reinforcement of stereotypes about certain regions that lead to hate speech and xenophobia. Promoting critical thinking and helping students identify false information is an important process for the reliable dissemination of knowledge. The aim was to promote the study of media education in the teaching of Geography. To achieve this goal, this research was based on three specific objectives. Firstly, content propagated on social networks and journalistic outlets that lacks truth in discourses on themes inherent to geographical science was identified. From this, we reflected on the importance of receiving and transmitting information correctly through scientific argumentation and, finally, a methodology was created capable of developing students' ability to identify false information and providing mechanisms for them to act daily to avoid sharing Fake News, through didactic sequences that demystify false information and its concepts for high school students. Going to Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, in the EJA Class 304, three didactic sequences were carried out in which students were able to perceive the importance of the theme and identify fallacious content, in addition there were spaces for solving questions, in order to endorse the social impact of the proposal presented.

Keywords: Geography, teaching, fake news.

Lista de Figuras

Figura 1- Escala de danos de Fake News.....	32
Figura 2- Artigo de opinião com negacionismo climático.....	40
Figura 3 - Postagem exalta erroneamente empresa de Elon Musk.....	40
Figura 4 - Definição de xenofobia.....	42
Figura 5: Deputado Eduardo Bolsonaro divulga mapa com informações equivocadas.....	43
Figura 6 - Publicação aponta que Cuba será beneficiada com placas automotivas do Mercosul.....	43
Figura 7- Postagem mente sobre destino de doação de alimentos.....	44
Figura 8 - Explicação sobre Inteligência artificial.....	46
Figura 9- Ranking sobre capacidade de identificação de notícias falsas.....	47

Lista de Quadros

Quadro 1 - Respostas dos alunos nas questões propostas na primeira aula.....	50
Quadro 2 - Respostas dos alunos nas questões propostas na primeira aula.....	50
Quadro 3 - Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula...	53
Quadro 4- Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.....	54
Quadro 5 - Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.....	55
Quadro 6 - Respostas dos alunos nas questões propostas na terceira aula.....	57
Quadro 7- Respostas dos alunos nas questões propostas na terceira aula.....	58

Lista de abreviaturas e siglas

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA- Educação de Jovens e Adultos

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais e demais orientações sexuais e identidades de gênero

PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

TV – Televisão

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	12
2. INTRODUÇÃO.....	14
3. REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3.1. O Papel da Geografia.....	18
3.2. Relações de alunos e professores com o saber e recursos didáticos.....	21
3.3. Comunicação.....	28
3.4. Internet e Fake News.....	30
Figura 1- Escala de danos de Fake News.....	33
3.5. Liberdade de expressão.....	34
4. METODOLOGIA.....	38
4.1. Primeiros contatos.....	39
Figura 2- Artigo de opinião com negacionismo climático.....	41
Figura 3 - Postagem exalta erroneamente empresa de Elon Musk.....	42
4.2. Segunda sequência didática.....	43
Figura 4 - Definição de xenofobia.....	44
Figura 5: Deputado Eduardo Bolsonaro divulga mapa com informações equivocadas..	45
Figura 6 - Publicação aponta que Cuba será beneficiada com placas automotivas do Mercosul.....	45
Figura 7- Postagem mente sobre destino de doação de alimentos.....	46
4.3 O encontro final.....	47
Figura 8 - Explanação sobre Inteligência artificial.....	47
Figura 9- Ranking sobre capacidade de identificação de notícias falsas.....	48
5. DISCUTINDO AS PRÁTICAS.....	50
5.1. Diário de bordo.....	50
5.2. A apresentação ao tema.....	51
Quadro 1 - Respostas dos alunos nas questões propostas na primeira aula.....	52
Quadro 2 - Respostas dos alunos nas questões propostas na primeira aula.....	52
5.3. Reflexão sobre a segunda sequência.....	53
Quadro 3 - Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.....	55
Quadro 4- Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.....	56
Quadro 5 - Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.....	57
5.4. Discutindo a terceira prática.....	57
Quadro 6 - Respostas dos alunos nas questões propostas na terceira aula.....	59
Quadro 7- Respostas dos alunos nas questões propostas na terceira aula.....	60
6. CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES.....	61
REFERÊNCIAS.....	65

1. APRESENTAÇÃO

A constituição da presente pesquisa vem amparada com minha trajetória acadêmica. No ano de 2017, comecei a cursar Licenciatura em Geografia na Universidade Federal de Pelotas, fazer uma graduação na área da educação sempre esteve nas minhas metas nas vezes que fiz o Exame Nacional do Ensino Médio. Ao chegar no curso, me deparei com debates e literaturas pertinentes não só à ciência geográfica mas também relacionadas à educação de maneira geral, com isso já tive maior afinco pelas cadeiras que versavam a respeito do tema. No ano de 2018, me inscrevi para compor o quadro de participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, durante um semestre fui voluntário e posteriormente bolsista. No decorrer dessa trajetória, pude experienciar momentos de diálogo entre os pares na Universidade e o contato com os estudantes da Escola Nossa Senhora das Graças por meio de atividades desenvolvidas pelos pibidianos que carregavam o intuito de serem um complemento aos conteúdos vistos em sala de aula.

No ano de 2019, concomitantemente ao curso de Geografia, me matriculei em Jornalismo Na Universidade Católica de Pelotas, pelo apreço que tinha pela comunicação e pelos principais assuntos geradores de debate nos meios de informação resolvi acumular duas formações. Nesse curso aprendi bastante sobre a história da comunicação e os desafios dessa ciência na contemporaneidade, em um contexto de reinvenção dos meios informações e do consumo por parte das pessoas e instituições.

Posteriormente, entre 2020 e 2022, participei do Residência Pedagógica, em seu primeiro edital, o Programa foi de grande valia na constituição da minha jornada acadêmica fornecendo arcabouço teórico e prático para os desafios pertinentes à sala de aula. Na Escola Cecília Meireles realizei o período prático do Programa assumindo uma turma de sétimo ano que contava com treze discentes em parceria com a colega de UFPel Laís Garcia Moreira, onde trabalhamos conteúdos referentes ao ano escolar supracitado, tendo como grande tema a regionalização brasileira. Dentro do Residência Pedagógica comecei a definir meu objeto de estudo para o Trabalho de Conclusão de Curso na Geografia e minha escolha foi por discorrer sobre “Recursos didáticos para estudantes autistas” das redes municipal e estadual de ensino.

Uma etapa importante nos cursos de formação de professores são os estágios e minhas experiências foram bem distintas, na primeira, ocorrida em 2021, no estágio supervisionado de ensino médio, ministrei aulas na Escola Bibiano de Almeida em Rio Grande. Em virtude do momento pandêmico, essa jornada ocorreu através do ensino remoto emergencial. Já em 2022, na oportunidade do estágio em ensino fundamental pude revisitar meu passado e propor aulas na Escola Armando Fagundes, local onde fiz todo o ensino fundamental enquanto estudante.

Ainda no ano de 2022, apresentei trabalhos de conclusão nos dois cursos de graduação em que estava matriculado, na Geografia o já supracitado trabalho sobre Autismo e no jornalismo fiz uma análise quanto a diferença de linguagens utilizadas por TV aberta e plataformas pagas na transmissão da final da Copa Libertadores.

Em agosto de 2022, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Geografia, primeiramente com o desejo de desenvolver minha pesquisa sobre recursos didáticos para estudantes autistas, entretanto, após conversas com meu orientador e com o decorrer das disciplinas realizadas, sobretudo as voltadas para as trajetórias da educação, optei transpor o foco de minha pesquisa no curso de mestrado e seguir o caminho que versa sobre Educação Midiática.

2. INTRODUÇÃO

Os pesquisadores, em suas mais diversas vertentes de pensamento a séculos buscam explicar fenômenos pertinentes a nossa existência e isso perpassa pela prática docente. Tal prática é fruto de estudos que servem como criação de literatura e reflexão a respeito de temas que sejam necessários jogar luz para serem percebidos por um número maior de pessoas.

As notícias falsas, uma tradução rápida para Fake News vêm ganhando mais espaço nos últimos anos com a disseminação mais veloz da informação. Essas informações errôneas que entre outros fatores visam prejudicar pessoas, grupos políticos e territórios a partir de discursos fantasiosos são dotadas de uma ciência que a primeira vista para pessoas não familiarizadas com determinado tema podem confundir e fazer com que o leitor difunda as narrativas.

Para piorar o quadro, uma característica traiçoeira das fakenews e das cheatnews é que muitas delas são bem elaboradas, se apresentando de forma palatável, plausível e geralmente simples, o que as torna pretensamente verdadeiras. Isso funciona muito bem principalmente para aqueles que não estão suficientemente aparelhados para pensar criticamente. (VEIGA-NETO, 2020, p.5)

O principal meio de divulgação das Fake News são as redes sociais, mas convém ressaltar que esses espaços não contém apenas desinformação e se notabilizaram nas últimas décadas por serem espaços horizontalizados de comunicação, ou seja, quem no passado apenas recebia informações através dos veículos de comunicação como rádios, jornais e emissoras de televisão também passou a produzir conteúdos, que acompanhados de boa edição e apresentação acumularam seguidores e com o verbo compartilhar sendo um dos mais conjugados e enfatizados pelas empresas promotoras de redes sociais, tais conteúdos ganharam proporções que em outros tempos seriam inimagináveis e ressignificam até mesmo a exposição das personalidades humanas conforme apontam Ciribeli e Paiva (2011) “Por não estarem cara a cara, há uma entrega maior dos usuários quanto à exposição de seus sentimentos e opiniões que são postados e discutidos na rede.”

É importante dizer, que as suposições fantasiosas não começaram com o advento das redes sociais, o que mudou foi a transposição na veiculação do conteúdo, saindo do contato físico em lugares públicos para a tela de dispositivos.

A desinformação na contemporaneidade também gerou uma nova profissão, os chamados *coaches*, que em sua maioria, não possuem formação adequada para

ministrar cursos ou propor práticas a respeito de determinados assuntos. Estas pessoas atuam em temáticas como marketing, saúde e empreendedorismo, o que remonta a épocas passadas quando os sofistas se apresentavam como detentores do conhecimento mesmo sem ter pleno domínio do objeto de estudo a ser aprofundado. Se valendo da relativização para levar seu discurso adiante.

Uma delas é o relativismo, a ideia de que não existem verdades absolutas nem certezas inquebrantáveis. O que é verdade em Atenas não é verdade em Esparta, diziam os sofistas, que aplicavam esse relativismo a todas as áreas da vida – entre elas, a moral, a religião e a política. A moralidade varia de acordo com o local em que se vive. Certos deuses são mais venerados numa cidade e menos em outra. Não há um regime de governo ideal, já que determinadas comunidades vivem melhor sob a democracia, outras preferem a oligarquia e outras ainda escolhem a monarquia. Tudo é relativo. (CASTRO, 2013, p5 e 6)

A pesquisa que esse projeto trata passou por leituras a respeito de temática e mais do que isso, buscando exemplos práticos de notícias falsas que incluam a Geografia e problematizando em escolas buscando levar a informação correta aos discentes dentro da sala de aula.

Entende-se como relevante e atual trabalhar com as fake news no ensino de Geografia ao passo que o acesso à internet cresceu de maneira exponencial nos últimos anos, sobretudo na última década. De acordo com o IBGE, 90% dos domicílios brasileiros possuem acesso à internet.

Hoje em dia, o acesso à internet se dá através de computadores, celulares, televisores e até mesmo relógios. Com a maior facilidade ao acesso, cresceram também as tentativas de fazer um mau uso dessas tecnologias, de modo a ser um benefício próprio em detrimento ao que outra pessoa pode pensar.

É assim que funcionam as fake news, informações inverídicas são disseminadas através de sites, redes sociais e disparos em massa de mensagens. Nem os vídeos estão imunes dessas más práticas. As chamadas deep fakes conseguem até mesmo distorcer imagens animadas.

Trata-se de fenômeno novo, viabilizado por outro elemento do tempo presente, as plataformas digitais. São novas formas de comunicação que possibilitam a reprodução disseminada de informações falsas e distorcidas que ganham a aparência de realidade. As consequências negativas da conjugação entre fake news e plataformas digitais são incalculáveis, uma vez que o debate público é distorcido, corrompendo-se a liberdade de expressão e o direito à informação, dois dos principais trunfos da democracia ante os demais regimes políticos. (QUEIROZ, 2019, p.10)

Trazendo para o fenômeno de estudo do corrente programa de pós-graduação, a ciência geográfica vem sendo atacada sistematicamente pelas fake news, geradas por pessoas e organizações sem legitimidade para determinar

os rumos da Geografia. O discurso terraplanista, muito comum no segundo milênio, voltou a ganhar força especialmente na segunda metade da década passada. Essa teoria prevê que o formato do planeta que habitamos não é geóide e sim plano.

Esses discursos falsos em algumas oportunidades possuem grande alcance, ou seja, a tendência de mais pessoas replicarem essas teorias é maior. Nesses casos, a ciência fica colocada em xeque e o trabalho dos pesquisadores acaba sendo além de suas atribuições naturais, desconstruir narrativas errôneas impostas por pessoas e grupos sem o conhecimento prévio da matéria abordada. Outro discurso recorrente nas fake news que tange a Geografia, é o reforço de estereótipos equivocados a respeito de grupos étnicos e localidades como um todo.

Essas narrativas em sua imensa maioria são impulsionadas nos lugares de maior concentração de renda e atingem localidades mais frágeis economicamente e grupos sociais historicamente menos favorecidos por políticas públicas, como mulheres, negros, indígenas, população LGBTQIAPN+, dentre outros.

Tais práticas atribuindo determinados comportamentos sobre algumas regiões por pessoas que sequer habitam essas localidades, acaba configurando xenofobia, que é desconfiança ou antipatia por pessoas estrangeiras.

O problema do ódio ao estrangeiro e da aversão aos imigrantes pelo mundo tem várias causas ao longo da história, variando de uma sociedade para outra e a depender de um conjunto de fatores, como dissemos na introdução. Entre as inúmeras causas, destacam-se a ideia de ameaça ao emprego e à economia do cidadão, o sentimento de superioridade, a intolerância étnico-racial e religiosa, o acirramento do conceito de unidade nacional (nacionalismo exacerbado), o medo de perder seu status identitário, a falta de informação e formação intercultural, bem como a ausência de políticas integracionistas e de valorização da alteridade e da diversidade. É bom lembrar que a lista de causas não se encerra com estes pontos. (RIBEIRO, 2020, p. 265)

Com isso, após levantamento de literatura e de notícias propriamente ditas, serão elaboradas metodologias que busquem desmistificar essas narrativas de modo que a informação seja passada de maneira correta com base em princípios geográficos, indo até sala de aula e elucidando a estudantes de ensino médio tais conteúdos com o propósito de promover o senso crítico, estimular debates e reforçar o papel de garantia da cidadania proposto pela ciência geográfica.

Uma pergunta pertinente a todo pesquisador é qual abordagem metodológica utilizar durante a elaboração e execução da sua pesquisa. Durante as exposições de apresentação de trabalho que ocorreram sobre as abordagens, optou-se por direcionar esta pesquisa para a construção de uma sequência didática. Visto que se trata de um tema que necessariamente precisa de amparo literário de duas áreas:

comunicação e Geografia, indo de conceitos jornalísticas, propagação da notícia, referenciais geográficos e aplicação em sala de aula.

No estudo das comunicações, verifica-se os gêneros jornalísticos e que camadas da sociedade atingem, trabalhando também para a democratização no acesso à informação. É notório que com o advento das redes sociais a comunicação ficou mais horizontal, no entanto, faz-se necessário o trabalho de verificar a credibilidade de quem está difundindo a notícia.

Já no tocante à Geografia, garantir que os alunos tenham o conhecimento verídico de um conceito geográfico presente em uma notícia, também versa com a educação inclusiva, muitas vezes delegada apenas à promoção de um conteúdo a alunos com deficiência.

Na escola que assume a perspectiva inclusiva, todo professor busca despertar e desenvolver competências e propor conteúdos compatíveis com as experiências vividas pelos alunos, para que atribuam significado aos conteúdos, tendo participação ativa nesse processo. (POKER, et. al., 2013, p.17)

Diante do que fora descrito, o presente trabalho teve por objetivo geral **fomentar** o estudo de educação midiática no ensino de Geografia. Para a conquista desse objetivo, essa pesquisa se baseia em três objetivos específicos. Primeiramente, **identificar** conteúdos propagados em redes sociais e veículos jornalísticos que faltem com a verdade em discursos com temas inerentes à ciência geográfica. A partir disso, **refletir** sobre a importância da recepção e transmissão da maneira correta por meio da argumentação científica e por fim **desenvolver** aos alunos a capacidade de identificar informações falsas e proporcionar mecanismos para que os mesmos atuem cotidianamente para evitar o compartilhamento de Fake News.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo permite discorrer a respeito de literaturas propostas com os temas do objeto de estudo da dissertação. Segundo Brizola e Fantin (2016) “Esse referencial teórico que toda pesquisa deve ter, pode ser apresentado na dissertação ou na tese de maneiras diversas. Para alguns autores, como os pós-positivistas, é melhor uma apresentação sistematizada e, portanto, o quadro teórico deve estar contemplado em um capítulo à parte.”

Para tanto, o arcabouço teórico dessa pesquisa perpassa por literaturas sobre comunicação, trajetórias educacionais, ensino de geografia e impactos das fake news na sociedade contemporânea.

3.1. O Papel da Geografia

A ciência geográfica compreende-se como um ator importante na explicação e entendimento de fenômenos e práticas ocorridas em nosso planeta, estudando as relações antropológicas dos seres humanos com o ambiente, o uso de recursos presentes na natureza entre outras coisas.

Cada sociedade produz uma geografia de acordo com suas objetivos. Mais importante do que localizar é relacionar os lugares e as sociedades que ali habitam sempre tendo em mente a globalização da sociedade mundial que cada vez mais se integra, ainda que com diferentes poderes e direitos. (EUA e Etiópia se integram mas não tem os mesmos poderes). Se nossos alunos puderem ter na Geografia um instrumento útil de leitura do mundo estaremos ajudando a construir não só uma escola como uma sociedade mais crítica e indignada contra toda e qualquer miséria humana. (KAERCHER, 1996, p.113)

Com o avanço do negacionismo científico, o caráter pesquisador da Geografia necessitou ser referendado, servindo, entre outras atribuições, como uma verificadora de informação e promoção para a erradicação de preconceitos oriundos de informações falaciosas. Não obstante a isso, a ciência geográfica cumpre um papel de promotora da cidadania principalmente ao trabalhar pertencimento e questões pertinentes às vivências dos estudantes.

Quando uma informação incorreta no tocante geográfico é publicada, carrega consigo, histórias de vida, trajetórias de povos e estigmas atribuídos historicamente a certas localidades.

Trazer a Geografia para o centro do debate sobre raça e racismo, como elementos estruturantes da sociedade brasileira, impõe um desafio ao pensar o seu próprio ensino, considerando essas temáticas complexas e até então pouco exploradas. A Geografia e, por extensão, o seu ensino – ao problematizar, refletir e construir novas análises, tendo como ponto de partida, também, a questão racial – constroem-se deixando de ser uma mera disciplina de caráter enciclopédico e europeizado, passando a ser uma forma, também, de desvendar o racismo e seus impactos sociais, além de

contribuir para construção de visões de mundo comprometidas com a igualdade social. (SILVA, 2020, p.182)

Em um contexto de mudanças climáticas, os interesses econômicos e acordos governamentais podem se sobrepor ao bem ambiental, em muitas oportunidades, os entes federativos ignoram a temática ambiental e esquecem que os acontecimentos no solo, rios e outras paisagens impactam diretamente nas relações econômicas e políticas. Com isso surge a necessidade por parte do campo geográfico a promoção da defesa da manutenção do território e da geodiversidade com o mínimo de impacto para os povos, animais e solos contidos em determinado recorte.

No contexto legal, o geógrafo é um profissional apto a integrar grupos interdisciplinares que realizam estudos voltados à geodiversidade, patrimônio geológico e geoconservação. É necessário que a academia tenha essa concepção e aproxime a temática dos currículos dos cursos de graduação e que os programas de pós-graduação passem a adotar com maior afinco a realização de projetos de pesquisa na temática. Porém, a importância do geógrafo vai além da conjuntura legal e se aprofunda quando são observadas as características da formação profissional, as quais contemplam uma análise do espaço mediante o estudo das componente física e humana, e das suas relações, e a predisposição da Geografia diante do planejamento territorial e da gestão ambiental. (MEIRA, 2016, p.139)

O território brasileiro vem passando por eventos que reforçaram o papel da Geografia enquanto uma ciência preventiva de danos ambientais e sociais. As tragédias ocorridas por rompimento de barragens nas cidades de Mariana e Brumadinho, ambas no estado de Minas Gerais são exemplos de como a Geografia precisa ter espaço nas discussões em construções dessa magnitude enquanto ciência promotora para o fomento de políticas públicas preventivas.

Ao observar todos os dados envolvendo produção mineral, valor de mercado da empresa Vale, o que se conclui é que diante das duas tragédias a empresa conseguiu se reinventar e amenizar totalmente o impacto financeiro, ou até mesmo, crescer como visto ao longo do texto. O prejuízo para a Vale não foi importante do ponto de vista econômico, mas, um grande prejuízo para a sua imagem, seja, no mercado nacional, mas, principalmente no mercado internacional. Essa imagem poderia ser amenizada se as ações sociais para solucionar os problemas das populações diretamente e indiretamente atingidas fossem eficazes e que realmente se mostrassem determinados a buscar o bem-estar das pessoas e uma real recuperação ambiental das áreas degradadas. (ROCHA, 2021, p.193)

Outro assunto muito comentado nos últimos anos, é o fluxo migratório de pessoas ao redor do globo, que em busca de melhores condições de vida ou para fugir de conflitos, buscam novas nações para trabalhar, morar e dar sustento aos seus familiares. Nem sempre essas pessoas são acolhidas pelo povo ou pelo

governo de sua nova nação, o que implica a difusão da xenofobia, que segundo a Organização das Unidas (2023) são “Atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e frequentemente difamam pessoas, com base na percepção de que eles são estranhos ou estrangeiros à comunidade, sociedade ou identidade nacional”. Sob o contexto de globalização em que hábitos, costumes e maneiras de consumo fazem com que fronteiras cartográficas sumam através do intercâmbio cultural esse mesmo acolhimento não ocorre com os seres humanos oriundos de outras localidades, sobretudo em países que no milênio passado foram colonizadores conforme aponta Felício.

Na França, conhecida por sua política de constante intervenção nas ex-colônias – o que a fez, inclusive, participar do financiamento dos rebeldes que desestabilizaram a Síria, entre eles o EI, a recepção é bem menor: o país acordou receber 30 mil refugiados; além disso, boa parte da população resiste com postura xenofóbica, organizando protestos contrários ao acolhimento. (FELÍCIO, 2018, p.87)

Quando se fala em Geografia na contemporaneidade, um conceito amplamente lembrado é o de Globalização. Conforme aponta Santos (2022), “a globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista.” Ainda de acordo com o autor, as sociedades estão vivendo uma fase da globalização ditada através da técnica informacional.

No caso do mundo atual, temos a consciência de viver um novo período, mas o novo que mais facilmente apreendemos é a utilização de formidáveis recursos da técnica e da ciência pelas novas formas do grande capital, apoiado por formas institucionais igualmente novas. Não se pode dizer que a globalização seja semelhante às ondas anteriores, nem mesmo uma continuação do que havia antes, exatamente porque as condições de sua realização mudaram radicalmente. É somente agora que a humanidade está podendo contar com essa nova qualidade da técnica, providenciada pelo que se está chamando de técnica informacional. Chegamos a um outro século e o homem, por meio dos avanços da ciência, produz um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação. Estas passam a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando a presença planetária desse novo sistema técnico. (SANTOS, 2022, p.163)

Ou seja, a técnica vem sendo reinventada com o passar dos séculos e apropriada pelo modo de produção capitalista de acordo com suas necessidades de expansão e para manutenção da hegemonia do sistema.

Em tempos de acentuada desigualdade social, as relações humanas com o espaço e com os demais atores que compõem a especialidade é múltipla, na maioria das vezes ditada por quem possui maior poder aquisitivo de capital e assim interfere na experiência de outros cidadãos com as localidades e seus usos. Do ponto de vista ambiental, a crescente verticalização urbana é prejudicial ao clima, aumentando a temperatura média nas cidades e diminuindo a arborização. Em

contrapartida, a verticalização exacerbada não contribui para a erradicação da população em situação de rua no Brasil, que na última década cresceu por conta, entre outros fatores, do crescimento da taxa de desemprego. Com isso, o que se observa são imóveis sem cumprir sua função social pela especulação imobiliária e pessoas sem moradia e com rara perspectiva de voltar ao mercado de trabalho.

Nesse sentido, através da verticalização torna-se possível refletir sobre outros conteúdos de Geografia, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, como os processos que envolvem a urbanização brasileira e os novos modos de habitar e consumir à cidade, a segregação urbana e a seletividade dos equipamentos urbanísticos de caráter público. Além disso, também devem ser destacados os processos físicos advindos da produção de edifícios em larga escala, como a alteração do clima urbano, como as ilhas de calor na cidade, o sombreamento, entre outros fenômenos que estão ligados à verticalização urbana. (SPODE, 2021, p.253)

Em consequência desses e de outros fatores faz-se necessário que os profissionais da Geografia sempre que possível refutem informações falaciosas e que põe em xeque a importância de temas inerentes à matéria geográfica. Por ter um campo de atuação que envolve clima, dinâmicas populacionais, territorialidade e ambiências, dentre outras áreas de estudo, os geógrafos podem contribuir com discussões colocando suas percepções a respeito de variados assuntos que permeiam a Geografia.

3.2 Relações de alunos e professores com o saber e recursos didáticos

Com tamanha exposição aos meios de comunicação, aos professores a indagação “será que posso utilizá-los na sala de aula?” se torna pertinente. O uso de vídeos noticiosos, recorte de jornais e revistas e cópias de reportagens postadas nos portais de notícias constituem recursos didáticos que junto da explicação e abordagem metodológica docente tornam o conteúdo mais visual aos educandos. Todavia, faz-se necessária a apuração desses materiais, como a referência de especialistas no assunto durante a reportagem bem como a busca por veículos confiáveis e que de preferência tenham credibilidade por agências de checagem.

De acordo com Souza (2007, p.111), “Recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado, pelo professor, a seus alunos.” Esta afirmação nos permite dizer que o recurso didático atua como um facilitador na apresentação do conteúdo do professor ao aluno.

Os recursos didáticos podem ser de grande valia para levar o educando para mais perto do conteúdo apresentado, conforme Noal (2014), a leitura de mapas

pode ser além de uma técnica mas sim uma metodologia de aproximação. “A formação cartográfica dará subsídios para os alunos se localizarem e analisarem as representações espaciais. O professor os guiará no desenvolvimento de certas habilidades e atitudes que servirão como horizonte para a interpretação de mapas.”

A implementação de recursos didáticos torna a aula mais interativa, imersiva e inclusiva, o conteúdo escrito pelo docente no quadro ou apresentado em um livro didático, se materializa e assim compõe uma experiência horizontal onde as interpretações do estudante são mais explanadas.

Ao passo de que os professores podem trazer essas informações de maneira pontual, os educandos que passam cada vez mais conectados, se deparam com informações transversais aos conteúdos trabalhados em sala de aula através das redes sociais e sites de notícias, logo, entende-se como preponderante preparar os alunos para não serem meros receptores das notícias mas também problematizá-las, conectar com seus conhecimentos da escola e como sujeitos identificadores de informações inverídicas.

As oportunidades que este novo mundo descortinou são conhecidas e extraordinárias. Nesta rede, cujo acesso é direito humano fundamental declarado pela ONU há quase uma década, estradas levam a informações úteis, relevantes e necessárias, à conexão e à colaboração entre pessoas, à expressão criativa, a inúmeras chances de aprendizado e de comunicação, à diversidade e à possibilidade de jovens encontrarem e terem voz em debates sobre o que lhes é caro. No entanto, levam também a uma infinidade de informações falsas, tendenciosas ou errôneas, a novas formas de abuso, a discursos de incitação ao ódio e aos preconceitos, à manipulação e exploração infantil. (FERRARI, 2013, p.18)

Desse modo, entende-se que a internet e suas ferramentas disponíveis podem se constituir enquanto um recurso didático nas aulas de Geografia, ao passo que a ciência geográfica dispõe de elementos que são replicados em diferentes plataformas digitais. Um dos exemplos são os serviços de geolocalização que servem não apenas para pontuar localizações, tendo uso para o planejamento de transporte e tracejado de rotas pela cidade. Uma das dinâmicas que podem ser utilizadas se valendo desse serviço é a transposição do mapa mental físico para esse ambiente, com o discente colocando a posição de sua casa até a escola e observando quais estabelecimentos ou serviços são contemplados pela ferramenta de geolocalização.

i) solicitar aos alunos a localização ou a criação dos mapas dos países, continentes, estados, regiões, cidades ou bairros; ii) escolher nome de pequenas cidades em diferentes países e indicar pistas da sua localização para que os alunos consigam encontrá-la no mapa; iii) solicitar aos alunos a

melhor rota ou o menor percurso entre dois pontos geográficos; iv) marcação de balões de informação nos principais pontos turísticos da cidade com possibilidade de inserção de fotografias e vídeos do local referenciado, dentre outras (BOTTENTUIT JUNIOR et al, 2011 p.10)

Do ponto de vista da inclusão, uma ferramenta que pode ser utilizada é a cartografia tátil, fundamental para o ensino de Geografia cujas turmas apresentam alunos com baixa visão.

No início da segunda metade do século passado, o tecnicismo ganhou importância para os mantenedores do regime militar a fim de criar na escolas, corpo de trabalho para as empresas, contudo, um movimento de “contra-cultura” ganhou voz e passou a problematizar o caráter educacional que não valorizava o senso crítico dos educandos.

Procurou-se empreender a crítica da educação, pondo em evidência seu caráter reprodutivista, isto é, o papel de reprodução das relações sociais de produção. Chamo essa corrente de crítico-reprodutivista porque não se pode negar seu caráter crítico, se entendermos por concepção crítica aquela que leva em conta os determinantes sociais da educação, em contraposição às teorias não críticas, que acreditam ter a educação o poder de determinar as relações sociais, gozando de uma autonomia plena em relação à estrutura social (nesse sentido, nós poderíamos dizer que a pedagogia tradicional, assim como a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista, são não críticas. (SAVIANI, 2005, p.78)

A partir desses movimentos de questionar os métodos empregados, a dialética ganhou novos adeptos e o pensamento crítico foi difundido nos corredores universitários e espaços de discussão, sempre buscando a valorização do trabalho docente além da transmissão de conteúdos, valorizando o saber dos educandos e promovendo aproximações mais condizentes com a realidade do espaço aos quais estavam inseridos. Os dividindo em pedagogia tradicionais e críticas.

Uma das características presentes nas tendências libertárias da educação, é a valorização de métodos investigativos promovendo o caráter pesquisador indo a campo com a finalidade de problematizar ou solucionar problemas vividos nas comunidades, incentivando aos educandos a vivenciar práticas sociais conectadas com o ensino adquirido.

O segundo passo não seria a apresentação de novos conhecimentos por parte do professor (pedagogia tradicional) nem o problema como um obstáculo que interrompe a atividade dos alunos (pedagogia nova). Caberia, neste momento, a identificação dos principais problemas pela prática. Chamemos a este segundo passo de problematização. Trata-se de detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar. (SAVIANI, 2005, P.80)

Em contrapartida, categorizando os liberais, nota-se que eles são liberais ao sistema capitalista, com uma nova roupagem e não se pressupõe serem

“subversivos” ao sistema. As tendências liberais ganharam força no Brasil nas últimas décadas, provenientes do processo de globalização.

A tendência Liberal Renovada acentua, igualmente, o sentido da cultura como desenvolvimento das aptidões individuais. Mas a educação é um processo interno, não externo; ela parte das necessidades e interesses individuais necessários para a adaptação ao meio. A educação é a vida presente é parte da própria experiência humana. A escola renovada propõe um ensino que valoriza a auto-educação (o aluno como sujeito do conhecimento), a experiência direta sobre o meio pela atividade; um ensino centrado no aluno e no grupo. (LIBÂNEO, 2014 p.7)

Convém ressaltar que tais práticas neoliberais se intensificaram no século XXI com a composição de avaliações padronizadas para diversas nações com a necessidade de criar rankings que classificam a qualidade educacional de cada país sem levar em consideração as particularidades locais.

Assim, os indicadores da literacia matemática, científica, de leitura, entre outros, que o PISA providencia não são, nestas páginas, entendidos como sinalizadores da capacidade que os países avaliados têm para promoverem aprendizagens nos seus sistemas escolares. O que interessa a este texto são: as regras e as normas que o PISA fixa ou induz; as formas “adequadas” de prover educação que põe em equação; o exercício de mútua observação em que coloca – regularmente – os decisores políticos num espaço “competitivo-cooperativo” mundial. (CARVALHO, 2009, p.1017)

Esse tipo de avaliação é problemático, pois os sistemas de ensino são diversos ao redor do globo e sobretudo, o investimento em educação é variado de acordo com a nação. Conceber a qualidade de ensino através de uma prova padronizada serve para reforçar a disparidade entre hemisférios.

Com tantos estímulos da sociedade neoliberal a uma reprodução de um sistema tecnicista, quem se contrapõe se coloca acima de tudo num papel questionador, não só pela sua perspectiva de educação ser mais indagadora, reflexiva mas de ser subversivo ao que já posto e referendado pelos principais grupos econômicos e com tomada de decisão.

Essa incapacidade mistura, num processo de vida, práticas e teorias herdadas e inovadas, religiões tradicionais e novas convicções. É nesse caldo de cultura que numerosas frações da sociedade passam da situação anterior de conformidade associada ao conformismo a uma etapa superior da produção da consciência, isto é, a conformidade sem o conformismo. Produz-se dessa maneira a redescoberta pelos homens da verdadeira razão e não é espantoso que tal descobrimento se dê exatamente nos espaços sociais, econômicos e geográficos também “não conformes” à racionalidade dominante. (SANTOS, p.59)

A reforma do ensino médio, por exemplo, promulgada na década passada, privilegiou disciplinas em detrimento de outras, quem mais sofreu com essa mudança foram as ciências humanas.

Neste cenário, o lugar das C.H. vai sendo subalternizado e subordinado aos interesses do capital, pois Geografia, Filosofia, Sociologia e História serão trabalhadas a partir da reforma, com predomínio do caráter empresarial-neoliberal. Parece que aqueles que acreditam que o pensamento crítico, capaz de ampliar nossa capacidade de compreender como funciona a sociedade é sinônimo de “doutrinação” – como é o caso do movimento Escola Sem Partido –, deram um passo importante na institucionalização de seus ideais. Porém, não podemos perder de vista as possibilidades de resistência coletiva, não somente para que as C.H. continuem ocupando um lugar de poder nos currículos escolares, mas para que a escola pública possa ser espaço comum em nossos territórios de vida digna de todos e todas, emancipatória, formadora de opinião e de sujeitos na contemporaneidade. (SIMÕES, 2017, p.56)

Ainda conforme Simões (2017), “a reforma em questão visa atender os interesses daqueles que estão no comando governamental neste momento é o conjunto, sobretudo, de suas relações políticas e econômicas”. Com essa reforma, escolas formaram itinerários científicos, o que permite dizer que a oferta de disciplinas não se dá de maneira uniforme. Enquanto algumas dispõem de matérias mais voltadas para ciências exatas e tecnologias, outras podem fornecer um incentivo maior às artes, por exemplo. Essa prática vai de encontro ao que estava posto anteriormente, em que o estudante cumpria sua carga horária nas mais diversas ciências com o intuito de se preparar para o Exame Nacional do Ensino Médio, onde nessa prova, encontraria questões das mais diversas disciplinas e com o conhecimento adquirido nos três anos de ensino médio acumularia habilidades capazes de lograr êxito nessa prova, que é o maior mecanismo de acesso ao ensino superior no Brasil.

Essa reforma, veio amparada por um discurso que ganhou força nos últimos anos, com a ascensão de governos conservadores, a intitulada ‘Escola Sem Partido’ visa eliminar o senso crítico das escolas, impondo que os docentes não abordem temas de cunho político e como essas práticas implicam na vida dos educandos, constituindo assim uma espécie de ‘neutralidade’, que num cenário de avanço neoliberal, acaba corroborando para que esse sistema se torne hegemônico.

Para dar curso ao propósito de coibir a abordagem desses temas, a organização e os segmentos que com ela se ramificam atuam em diversas frentes simultâneas, inserindo variados tipos de materiais de opinião em variados meios de comunicação; fomentando a apresentação de projetos de lei que proponham as medidas restritivas reivindicadas pela organização e que instituem mecanismos de vigilância, controle, denúncia e criminalização; e realizando debates e audiências nos âmbitos acadêmico, jurídico, religioso e parlamentar, dentre outras estratégias. (FRIGOTTO, 2017, p.67)

A invisibilidade do senso crítico em sala de aula configura um apagamento da horizontalidade que outras correntes de pensamento pressupõem. A pedagogia

progressista por sua vez enfatiza uma educação libertária, enaltecendo o pensamento crítico dos educandos, buscam uma relação mais horizontal nos sistemas educacionais e privilegiam a vivência dos discentes. Segundo Freire “Será a partir da situação presente, existencial, concreta, refletindo o conjunto de aspirações do povo, que poderemos organizar o conteúdo programático da situação ou da ação política, acrescentemos.” Na tendência libertária, por exemplo, as disciplinas são apenas um complemento, não sendo um grande fenômeno de estudo. Na teoria crítico-social dos conteúdos, o essencial é trabalhar com elementos palpáveis, de plena realidade aos educandos com a escola sendo uma mediadora nas trocas de conhecimento, com conteúdos culturais universais. De acordo com Libâneo (2014) “Em síntese, a atuação da escola consiste na preparação do aluno para o mundo adulto e suas contradições, fornecendo-lhe um instrumental, por meio da aquisição de conteúdos e da socialização, para uma participação organizada e ativa na democratização da sociedade.”

Em um contexto de ascensão conservadora global, os pesquisadores progressistas constituem um corpo de resistência, enfatizando o papel da criticidade e valorização do estudo, da busca incessante pelo conhecimento e da importância do Estado colocar luz à ciência a fim de garantir que as sociedades tenham educação, saúde e informação de qualidade. A construção de Fake News vêm ancorada em uma cadeia de discursos anti-ciência, colocando em xeque a credibilidade científica e dos veículos jornalísticos.

Com a facilidade de se criar conteúdos dos mais variados temas através das redes sociais, pessoas sem o conhecimento técnico apropriado se colocam como protagonistas e disseminam informações a milhares ou alguns casos milhões de pessoas, isto requer muito cuidado, pois por mais que o vídeo seja bem produzido, o fundamental é que o transmissor da informação possua arcabouço teórico-científico para subsidiar o que está dizendo e indicando as suas fontes de estudo para a composição do material audiovisual.

Os professores necessitam estar atualizando seus conhecimentos continuamente, no entanto, sob uma realidade de carga horária excessiva e de pouca valorização do trabalho docente, os entes federativos não priorizam a formação continuada o que acarreta que abordagens sobre novos conceitos não sejam exploradas em sala de aula no trabalho docente. O estudo da identificação de fake news por parte do corpo docente contribuiria para que os educandos também

buscassem pela verdade no que veem de notícias nas redes sociais. Segundo Poker (2013) “Na escola que assume a perspectiva inclusiva, todo professor busca despertar e desenvolver competências e propor conteúdos compatíveis com as experiências vividas pelos alunos, para que atribuam significado aos conteúdos, tendo participação ativa nesse processo.”

Por vezes, quando um aluno não consegue atingir os objetivos pressupostos pelas avaliações, pré-julgamentos como “preguiçoso” ou “desinteressado”. Para ter uma melhor interpretação e poder ajudá-lo, o discente precisa ser ouvido, ser instigado a profanar suas potencialidades e a partir daí a motivação poderá ocorrer de forma mais harmoniosa. Durante nossa trajetória escolar, criamos maior afinidade com alguns professores e isso potencializa uma maior afeição a determinada disciplina, mas em alguns casos o estudante pode apenas gostar do professor, tendo rejeição à disciplina.

Obviamente, estudantes de periferia não estão proibidos de ascender academicamente e profissionalmente, todavia, é preciso ter cuidado ao analisar esse processo e transmutar apenas ao mérito quando alguém da periferia constitui uma relação mais estreita e de êxito com o saber acadêmico. A escola é um espaço plural e suas particularidades precisam ser enfatizadas: localização, gênero, faixa etária, etnia, entre outros fatores influem na experiência do estudante naquele espaço. Só que não podemos conceber previamente quais são esses grupos, pois isso foi descoberto indo à campo e pesquisando as prováveis variáveis que poderiam surgir.

Quando, assim, se introduz no debate a especificidade do que se aprende e as formas de aprendê-lo, depara-se com uma dificuldade: o que se denomina saber refere-se, na verdade, a atividades extremamente diferentes e a efeitos dessas atividades que, na realidade, não são de forma alguma comparáveis. Saber escolher um bom vinho, saber o teorema de Pitágoras, saber nadar, saber seduzir moças (ou rapazes) etc.: o que todos esses saberes têm em comum? Um ponto: em todos os casos, tem que aprender. (CHARLOT, 2021, p.7)

A sensação determinista que os estudantes de comunidades e periferias não têm acesso à meios de comunicação e veículos informativos universais, pressupõe um estigma que induz pensar que aquele grupo de pessoas não é digno de acessar espaços de maior conhecimento e contribui para a perpetuação de estereótipos atribuídos a pessoas com menor poder aquisitivo. Evidentemente, pessoas de classes mais favorecidas economicamente são propensas a ter um repertório

cultural mais amplo, visto que boa parte do repositório cultural implica custos e tais apresentações em sua maioria não ocorrem nas periferias.

3.3. Comunicação

Desde que nos constituímos como seres humanos, somos comunicativos, seja no choro dos primeiros minutos de vida, sentimentos, até a oralidade ou sinais aparecerem nos primeiros anos de vida. Primeiramente, esta comunicação se dá em um ambiente restrito, no núcleo familiar, depois se expandindo à escola e círculos de amizades. A comunicação é inerente ao ser humano desde o paleolítico e vem sendo aprimorada ao longo dos séculos, passando pelos conflitos que aconteceram na Terra no antigo milênio, nas revoluções industriais e nas diferentes formas de governo que modificaram as relações de estudo e trabalho.

Com o intercâmbio cultural promovido pelo advento das redes sociais, é possível comunicar-se com pessoas de outros continentes em ligações instantâneas, fazendo com que a comunicação seja mais horizontal.

Os meios de comunicação de massa exercem além do papel de difundir a informação em muitos casos, formam a opinião de quem está acompanhando. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 95,5% dos domicílios brasileiros possuem ao menos um televisor.

Apesar da internet ter se popularizado, vivemos em um país com dimensões continentais e o aparelho informacional mais recorrente nas casas é a televisão e com alta densidade de residências com aparelho televisor, o jornalista se vê desafiado com qual linguagem, termos e discursos relatar para que o telespectador como um todo decodifique a informação e sinta-se pertencente à programação. Além disso, alguns programas da TV aberta apresentam comunicação em Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) e *Closed Caption*, que é um recurso de legendas na programação ao vivo e audiodescrição, que elucida o que está sendo apresentado para deficientes visuais. Nos últimos anos, o recurso de áudio-descrição também foi implementado, a áudio-descrição permite que o público com baixa visão possa acompanhar a programação televisiva com maior detalhamento das informações que são transmitidas. Esses mecanismos têm por finalidade incluir o maior grupo possível de telespectadores.

Mas há um longo caminho a percorrer, como o planejamento e implantação de políticas públicas que inclua a sensibilização de gestores públicos, políticos, governo federal e estaduais, diretores de escolas/universidades e professores de diferentes níveis, assim como profissionais da área de educação, comunicação, informática, design ou engenharia para o

desenvolvimento de projetos conjuntos, transdisciplinares – aqui pensados desde o diálogo das ciências, como o faz Edgar Morin e Jesus Martín-Barbero - para TVD-t interativa e para convergência de mídias digitais. Tais políticas públicas devem incluir propostas de capacitação e formação profissional para portadores de necessidades especiais através de cursos de educação a distância via televisão digital que possibilitem o aumento da empregabilidade desses grupos e sua inserção no meio social. (CASTRO, 2014, p.185)

A internet deu voz e propiciou que um maior número de pessoas produzissem conteúdos, embora as redes sociais sirvam para organização de grupos étnicos e reforcem o pertencimento de classes a determinados grupos da sociedade civil, essa facilidade na difusão de conteúdo também permitiu seu mau uso, por pessoas e instituições que deliberadamente age para desinformar e propagar conteúdos falsos e que incitam o ódio. Por isso, veículos tradicionais como as Organizações Globo criaram agências de checagem, com a premissa de elucidar ao público se as notícias são verdadeiras ou não.

Tamanha influência da mídia nas relações sociais, econômicas e de poder fez com que uma nova corrente de pensamento surgisse no âmbito educacional, trata-se da 'Educação Midiática' que visa preparar professores e educandos aptos a refletir e problematizar discursos midiáticos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ferramenta desenvolvida pelo Ministério da Educação que dispõe de competências e habilidades a serem desenvolvidas na trajetória escolar de ensino fundamental e médio, menciona e indica como a Educação Midiática pode ser trabalhada nas escolas.

Eis, então, a demanda que se coloca para a escola: contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produções, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas de também fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários. (BRASIL, 2016, p.68)

Ao conceber as mídias como uma linguagem, pode-se pensar que é trabalho somente das disciplinas relacionadas à Língua Portuguesa abordar esse conceito, no entanto, os discursos propagados nos meios informacionais dizem respeito às demais ciências, entre elas a Geografia, portanto, o conhecimento de Educação Midiática torna-se pertinente a todos os professores e professoras, independentemente da área ou do grau educacional que está lecionando. De acordo com Blanco (2023), a Educação Midiática pode ser definida como “um conjunto de

habilidades que ensina o cidadão, e alunos de qualquer idade, a analisar, acessar, produzir e participar criticamente do ambiente informacional.”

O consumo da comunicação social vem mudando constantemente ao decorrer das décadas. Se no início do século XX o advento do rádio e a consolidação dos jornais impressos ditavam o ritmo da difusão da informação, atualmente os portais de notícias presentes na Internet garantem o dinamismo e a agilidade na propagação das informações carregando consigo particularidades que os veículos antecessores não possuíam como a inserção de vídeos e o compartilhamento instantâneo de seus discursos em massa através das redes sociais.

Com a crescente exponencial das redes sociais enquanto difusoras de notícias, essa terminologia também pode abarcá-las. Uma das características da comunicação social através do Jornalismo é a emissão de opinião, dispostas com intencionalidades e com o intuito de que o ouvinte forme seus argumentos através dos apresentados pelos jornalistas.

O que se observa no jornalismo atual é uma simbiose, não uma separação. A notícia nunca esteve tão carregada de opiniões. E um dos motivos é justamente atender ao critério de objetividade que obriga o jornalista a ouvir sempre os dois lados da estória. Os jornais acabam valorizando mais as declarações do que os próprios fatos. Ou seja, preocupam-se mais com os comentários sobre os acontecimentos do que com os acontecimentos em si. (PENA, 2005, p.15)

Em uma sociedade, sobretudo, democrática, o direito à informação de maneira fidedigna é fundamental para a fiscalização do cumprimento de políticas públicas pelos entes federativos, requisição de direitos pela sociedade civil, bem como na promoção da cidadania e acesso ao conhecimento.

Apesar da horizontalidade presentes nos meios informativos na contemporaneidade, grupos mais favorecidos economicamente seguem sendo os responsáveis por difundir suas narrativas com maior alcance pois os maiores financiadores do mercado publicitário são empresas que compõem a elite financeira, que buscam através de seus discursos que as camadas mais populares da sociedade se sintam mais representadas e pertencentes a esses discursos, os reproduzindo em seus espaços.

3.4. Internet e Fake News

A consolidação da internet nas últimas décadas permitiu que um maior número de pessoas acessassem esse serviço, que entre outros fatores, contribuiu para a facilidade de comunicação. Uma das características da internet é que as

peças buscam navegar e interagir com outros seres semelhantes em pensamentos ou gostos, formando as chamadas “bolhas”. Em consequência disso, uma organização em prol de determinada ideia ou corrente de pensamento se dá de forma mais espontânea. Coletivos de grupos historicamente menos favorecidos, viram nas redes sociais uma oportunidade de potencializar suas lutas e trocar experiências para a partir disso lutar por seus direitos.

Na internet, o feminismo negro tem colocado em debate pautas que supostamente seus impactos sobre as mulheres negras, a intolerância religiosa e a valorização das religiões de matriz africana, relacionamentos inter-raciais e relações afetivoamorosas de mulheres negras, mercado de trabalho, padrões estéticos femininos e a representatividade dos negros na mídia, impacto da violência cotidiana na população negra, etc não seriam priorizadas em outros feminismos, como: genocídio da juventude negra etc. (MARTINEZ, 2019, p.25)

Para além disso, o advento da internet modificou hábitos de consumo e rotina dos seres humanos, lojas dos mais diversos ramos ficaram mais próximas através do comércio eletrônico, a indústria do entretenimento viu na oferta de filmes e séries sob demanda uma oportunidade de tornar mais cômoda a experiência do telespectador em assistir determinado conteúdo. A mobilidade urbana também foi reinventada com a adesão dos aplicativos de transporte de encomendas e passageiros.

Do ponto de vista geográfico, o e-commerce também é uma ferramenta que possibilita liberdade para o consumidor, pois o mesmo pode, através de seu smartphone ou computador, pesquisar preços e variedades dos produtos desejados em escala regional, nacional e global. Um exemplo claro é que hoje o consumidor pode comprar um acessório de moda nas páginas eletrônicas ou nos Apps da americana Wish e da singapurense Shopee, que enviam produtos da China para o mundo todo, em um intervalo de tempo menor do que o mesmo consumidor gastaria se fosse procurar o mesmo item nas tradicionais áreas de comércio dos centros urbanos, além, claro, da economia dos custos que o mesmo teria com deslocamento e estacionamento veicular. Em síntese, a escala geográfica da pesquisa que o consumidor realiza sobre o produto desejado é muito maior e em intervalo de tempo muito menor no e-commerce. (CRUZ, 2021, p.72)

Por outro lado, pessoas má intencionadas se organizam em coletivos para propagar desinformação. Com os veículos jornalísticos dotados de código de ética, a internet se mostrou um terreno fértil para a distorção de conteúdos noticiosos, atingindo as mais diversas ciências e provocando em cascata a construção de narrativas inverídicas que colocam em xeque a investigação científica.

O atual público discente nos ensinos fundamental e médio configuram as primeiras gerações que tiveram desde os primeiros anos de vida o acesso à internet desde os primeiros anos de vida e com o papel de protagonismo na difusão de

informação, segundo Fantin “as mídias digitais guiam uma gradual transformação do perfil do usuário do status de espectador ao de produtor.” o que permite notabilizar que a Internet se torna um terreno imersivo a seus usuários horizontalizando os processos interativos.

Na primeira década dos anos 2000, por exemplo, o acesso a esta ferramenta era bem mais restrito, sendo prioritariamente utilizado em serviços comerciais ou em residências de alto padrão. Essa disseminação no acesso com qualidade à internet, permitiu que áreas menos favorecidas de políticas públicas também pudessem ser incluídas nesse meio digital, seja por meio da criação de salas de informática em escolas ou pelo programa governamental ‘Computador para Todos’. Atualmente, as crianças e adolescentes que utilizam a Internet se deparam com uma infinidade de possibilidades para se divertirem e estudar, sendo eles mesmos quem define quais aplicativos baixar, quais jogos jogar e sites para acessar.

Com esse avanço, muitos profissionais docentes se indagam “como competir com a Internet?” entre os interesses dos educandos, já que parece à determinados estudantes mais prazeroso assistir a um vídeo de 20 minutos que uma aula diária de quatro horas. A resposta para esse questionamento é que não se trata de querer competir com os meios digitais pela atenção do aluno, mas sim utilizar essa ferramenta da melhor forma para que os estudantes possam relacionar o conhecimento em sala de aula com os vistos pela rede. Um dos mecanismos para se ter a internet como recurso didático é desmistificar as informações obtidas pelos discentes em sites e redes sociais, fazendo o papel de apuração, checagem e explicação da maneira correta do fenômeno abordado. A adoção de abordagens contendo ferramentas digitais como o Google Earth, por exemplo, consiste em uma experiência de reforçar pertencimento mostrando áreas próximas ao local da escola e também de fomento à imaginação, visitando outros países através da plataforma.

As notícias falsas podem ser de diversos tipos e para isso, existem definições que ajudam a entender as diferentes camadas dos discursos mentirosos. A jornalista britânica e diretora da pesquisa First Draft News, Claire Werdle dividiu no livro “Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional”¹ 2020 as Fake News em sete categorias que são: “sátira ou paródia, falsa conexão, conteúdo

¹ Disponível em < https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x76851>. Acesso em: 14 jun. 2023

enganoso, falso contexto, conteúdo impostor, conteúdo manipulado e conteúdo fabricado.”

Figura 1- Escala de danos de Fake News



Fonte: First Draft News. Disponível em https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x21167> Acesso 15 jul. 2024

Esses grandes grupos permitem identificar a maior parte dos conteúdos falsos que são percebidos no cotidiano.

É importante dizer, que essas definições não são fechadas, ou seja, um mesmo conteúdo falso pode contemplar duas ou mais categorias de Fake News. Um exemplo clássico de falsa conexão, diz respeito aos *clickbaits*, que são quando manchetes tendenciosas são colocadas no título da publicação mas no conteúdo em si é mostrado um texto que não atende a expectativa do leitor.

Durante a pandemia causada pelo vírus Sars-Cov2, discursos falsos a respeito da Covid-19 e do papel ciência foram disseminados, causando distorção e descrédito do papel científico no mundo em um momento que os pesquisadores realizavam um trabalho imprescindível para que a erradicação do estado pandêmico.

As fake news com receitas caseiras e indicação de produtos naturais para imunização contra a doença estão entre as mais comuns no WhatsApp. Tem sido muito difundida a categoria 'ciência médica: sintomas, diagnóstico e tratamento' que, supostamente, previne ou cura a Covid-19: 'Café previne o coronavírus'; 'Alimentos alcalinos evitam coronavírus'; 'Beber água de 15 em 15 minutos cura o coronavírus'; 'Chá de limão com bicarbonato quente cura coronavírus'; 'Beber muita água e fazer gargarejo com água morna, sal

e vinagre previne coronavírus'; 'Tomar bebidas quentes para matar o coronavírus'; 'Coronavírus pode ser curado com tigela de água de alho recém-fervida'; 'Chá de erva doce cura coronavírus'; 'Chá de abacate com hortelã previne coronavírus'; 'Chá imunológico contra o novo coronavírus'; 'Uísque e mel contra coronavírus'; 'Óleos para combater coronavírus'; 'Vitamina C + zinco e o novo coronavírus'. (FALCÃO, 2021, p.64)

Ou seja, não é trabalho apenas do jornalista ou do professor desmistificar Fake News, ao passo que todas as áreas do conhecimento são afetadas pela mentira. Cabe ao meio acadêmico e científico fornecer repertório teórico para que os pesquisadores e profissionais possam além desenvolver suas atribuições possuírem ferramentas para elucidar as distorções que podem ser indagadas por pessoas fora de seu meio de atividade.

Em uma sociedade onde as camadas mais populares dos cidadãos não acessam os maiores graus escolares e possuem uma jornada de trabalho excessiva, a interpretação de textos e informações pode se dar de maneira mais turva, uma vez que os conteúdos difundidos nas redes sociais são de leituras rápidas e em muitos casos não permitem uma reflexão por parte do leitor já que o volume de propagação de informação feito por usuários e páginas é contínuo e assim, o consumo se sobrepõe à reflexão.

3.5. Liberdade de expressão

A liberdade de expressão é um direito humano garantido pela Organização das Nações Unidas na Declaração Universal dos Direitos Humanos em seu 19º artigo. "Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras". Apesar de constar em um documento mundial, a aplicação desse conceito ocorre de forma diferente no Planeta Terra. Países com regimes de governo mais autoritários, implicam à população um cerceamento na difusão de pensamentos. Em 2014, por exemplo, a Organização das Nações Unidas divulgou um relatório que aponta que a Coreia do Norte comete 'violações sistemáticas' ao direito do livre pensar de seus cidadãos.

Na América do Sul, esse foi um direito que precisou ser lutado e reafirmado ainda na segunda metade do século passado, onde ditaduras militares comandavam os poderes executivos de países como o Brasil, onde o regime de comando militar durou por mais de duas décadas.

A Ditadura Militar que ocorreu no Brasil em 1964, e que se tornou mais aguda em 1968, à época da promulgação do AI-5, também foi resultado

desse embate entre duas propostas políticas, uma de direita e outra de esquerda. Tentou-se sabotar pela força a tentativa de implantar no país um modelo mais justo e coletivo de sociedade. As cicatrizes deixadas por esse momento foram amplamente revividas no ano que passou. (COSTA, 2009 p.57)

Profissionais de educação e de imprensa foram os mais atingidos pelo cerceamento da profanação de pensamentos, a classe artística e a população da sociedade civil que não concordava com os governos vigentes naquele período histórico. Segundo Caetano (2016, p.18) “a censura persistia com a entrada em vigor do regime de exceção. Neste assombroso período, não apenas os pensamentos que contrariavam o governo que receberiam censuras.”

Durante esse período, milhares de brasileiros, entre eles políticos e artistas considerados subversivos ao sistema governamental vigente ao nosso país, necessitaram buscar abrigo em outras nações para conseguir sobreviver e continuarem suas lutas pela retomada do regime democrático no Brasil.

Liberdade de expressão não significa necessariamente que uma pessoa possa divulgar livremente sua opinião sobre qualquer assunto. Falas mentirosas e propagação de fake news fere esse direito fundamental e não contribuem para uma sociedade mais crítica e opinativa. Utilizar o argumento que está se expondo livremente ao propagar um discurso é tão nocivo quanto propagar fake news.

O discurso de ódio pode ter como alvo uma ou mais pessoas específicas, integrantes de um grupo social e exatamente porque façam parte desse grupo. Pode, também, ser dirigido contra todo um grupo de pessoas identificadas por características comuns, tais como raça, nacionalidade, etnia, crença religiosa, orientação sexual. É importante ressaltar a diferença entre o discurso discriminatório que tenha como alvo um indivíduo e aquele que tenha em mira todo um grupo social. (ANDRADE, 2021, p.13)

Nessa perspectiva, tramita projeto no congresso brasileiro que visa combater a desinformação e, com a fiscalização do Estado, punir quem propaga discursos falaciosos. O Projeto de Lei nº 2630/2020, intitulado Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet versa a respeito de como os provedores de Internet podem contribuir para uma melhor experiência do usuário sem contato com a desinformação.

Com o objetivo de proteger a liberdade de expressão e o acesso à informação e fomentar o livre fluxo de ideias na internet, os provedores de redes sociais e de serviços de mensageria privada, no âmbito e nos limites técnicos de seu serviço, devem adotar medidas para: I – vedar o funcionamento de contas inautênticas; II – vedar contas automatizadas não identificadas como tal, entendidas como aquelas cujo caráter automatizado não foi comunicado ao provedor de aplicação e, publicamente, aos usuários; e III – identificar todos os conteúdos impulsionados e publicitários cuja distribuição tenha sido realizada mediante pagamento ao provedor de redes sociais. (BRASIL, 2020, p.3)

A apreciação e aprovação desse Projeto de Lei é esperada por órgãos de comunicação e científicos para que quem espalha desinformação seja punido e os internautas encontrem apenas informações corretas nos portais de notícias e redes sociais. Um instrumento legal que já voga no Brasil é o Marco Regulatório da Internet, promulgado em 2014, a legislação versa a respeito de garantias importantes para quem usufrui dos meios informacionais. Brasil, 2014: “Esta Lei estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil e determina as diretrizes para atuação da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em relação à matéria.”

Todavia, apenas a liberdade de expressão, não significa garantia plena da efetivação de seus direitos, as populações necessitam ser ouvidas e para além dessa garantia fundamental precisam ter acesso aos lugares de decisão para uma maior promoção da cidadania.

Entendo que não basta, nesse modelo de democracia deliberativa, a garantia de liberdade de expressão. Os cidadãos precisam de mais do que o direito de se expressar livremente. Precisam gozar de uma divisão equitativa de iguais liberdades e de igual acesso aos lugares de deliberação. Necessitam de uma distribuição equitativa e proporcional de pontos de vista e de argumentos no debate, de modo que possam igual e efetivamente persuadir e serem persuadidos pelo melhor argumento. Para isso, a democracia deliberativa exige regulação dos meios de comunicação social. Nessa regulação, devem ser criados os pressupostos efetivos para a deliberação, mediante a divisão equitativa do espaço público de discussão para as diferentes ideias, com uma preocupação efetiva com o acesso à informação e com atenção ao pluralismo e à diversidade de opiniões. (LOPES, 2023, p.8)

O discurso de ódio implica na intitulada “Cultura do Cancelamento” que de acordo com Guimarães (2021) “é uma forma de exclusão de uma pessoa, um grupo ou marca em posição de poder e influência após terem atitudes consideradas problemáticas ou erradas”, isto é, após uma pessoa ou um grupo emitir um posicionamento, outros indivíduos e coletivos que discordam do discurso apresentado passam a publicar textos, divulgar imagens e levantarem *hashtags* com a premissa de boicotar o discurso inicial.

Essa prática ocorre principalmente em redes sociais e tem como principal alvo artistas que proferem falas que venham a proferir narrativas que podem ser consideradas discursos de ódio. Com o número de seguidores segundo um balizador de *status* na sociedade atual, os cancelados em muitos casos observam suas redes sociais perderem alcance e em muitos casos perderem também contratos publicitários ou empregatícios. Por outro lado, existem casos em que

pessoas que se sentem representadas pelas narrativas que geram debate nas redes sociais acabam por seguir quem difunde tais falas, sobretudo em sociedades polarizadas, marcadas pela binariedade.

Uma visão binária do mundo é um terreno fértil para o ativismo que pode se configurar como inquisitorial, desconectado com a luta por equidade e inclusão. Ao contrário, é a popularização do famoso “boicote” que, no diagnóstico da época que vivemos, vem sendo rotulado de “cultura do cancelamento”. A tentativa de ajustar condutas inadequadas por supostas transgressões sociais alimenta esse fenômeno. (MELO, VASQUES, 2021, p.5)

A cultura do cancelamento vem sendo estudada pela psicanálise, pois gera impactos na saúde mental das pessoas acarretando em crises de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais. Conforme Dunker (2020), a internet vem se constituindo como um importante ator político: “É um gesto de uma sociedade que aprende uma nova linguagem, um gesto de resistência um pouco atrapalhada para uma nova época em que sentimos dificuldade em organizar críticas. Em parte, isso acontece pela carência de marcos regulatórios e jurídicos da conversa na internet.”

Para além disso, trata-se de um fenômeno social, visto que programas de TV e sites de notícias repercutem os desdobramentos de posicionamentos de pessoas com visibilidade nas redes sociais.

4. METODOLOGIA

O direcionamento desta pesquisa trata de discutir e problematizar o impacto das informações falaciosas no ensino de Geografia. Para a composição da mesma, necessitou-se de aprofundamento do arcabouço teórico, com literaturas referidas aos capítulos descritos na seção anterior. Partindo da ideia de encontrar informações fidedignas na internet, as plataformas de checagem de notícias “Fato ou Fake”, “Comprova” e portais de notícias de órgãos públicos foram utilizadas para a aferição de informações. Nesses sites encontraram-se as informações com a devida curadoria, mas também as informações inverídicas que proporcionaram o debate a respeito do tema. De acordo com a classificação de Fake News criada pela jornalista Claire Wardle, já sublinhada neste trabalho, foram buscadas notícias que contemplem a todos os grupos de Fake News classificados pela jornalista, com o enfoque em temas relacionados à Geografia em suas diversas dimensões.

Para a construção do percurso metodológico, optou-se pela análise de conteúdo pela sua maleabilidade entre quantificar e qualificar os dados abordados na pesquisa.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1977 p.31)

Com o propósito de promover impacto social, a presente pesquisa contou com trabalho de campo, indo até a Escola Cassiano do Nascimento e promovendo sequências didáticas com a turma 304, em três encontros com dois períodos cada nos meses de junho e julho de 2024 para a discussão e a devida reflexão sobre o tema e como isso afeta a sociedade nos dias atuais, A escolha por essa instituição se deu pela boa relação do corpo diretivo com programas da Geografia UFPel, como PIBID e Residência Pedagógica.. Para basilar os conteúdos abordados nas sequências didáticas. A posição geográfica da Escola também foi um fator preponderante na escolha, por localizar-se em uma avenida de bastante movimento de pessoas e veículos no Bairro Três Vendas, recebe estudantes de diversos bairros de Pelotas. Foi buscada uma habilidade dentro de uma competência da Base Nacional Comum Curricular. De acordo com Brasil (2018), uma das habilidades dentro da competência “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão dos processos sociais, políticos,

econômicos e culturais geradores de conflito e negociação, desigualdade e igualdade, exclusão e inclusão e de situações que envolvam o exercício arbitrário do poder” é “Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas das sociedades contemporâneas (fluxos populacionais, financeiros, de mercadorias, de informações, de valores éticos e culturais etc.), bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais.” Ainda nesse sentido, o presente trabalho está alicerçado na teoria do construtivismo.

O professor e os alunos entram na sala de aula. O professor traz algum material - algo que, presume, tem significado para os alunos. Propõe que eles explorem este material - cuja natureza depende do destinatário: crianças de pré-escola, de primeiro grau, de segundo grau, universitários, etc. Esgotada a exploração do material, o professor dirige um determinado número de perguntas, explorando, sistematicamente, diferentes aspectos problemáticos a que o material dá lugar. Pode solicitar, em seguida, que os alunos representem - desenhando, pintando, escrevendo, fazendo cartunismo, teatralizando, etc. - o que elaboraram. A partir daí, discute-se a direção, a problemática, o material da(s) próxima(s) aula(s). (BECKER, 2001, p.5)

O exemplo apresentado acima, pode ilustrar o que se busca com essa pesquisa, levando um tema novo aos estudantes e buscando solidificar conhecimentos em oportunidades vindouras.

A turma 304, a qual a pesquisa foi realizada, conta com 16 alunos matriculados. Tendo alunos de faixa etária distinta, residentes em Pelotas. Alguns mencionaram o desejo de seguir com os estudos, enquanto outros buscavam a conclusão do ensino médio para obter melhores condições de trabalho.

Passada a coleta de dados, foi desenvolvido um diário de bordo, contendo as experiências obtidas antes de minuciar o desenvolvimento de cada encontro.

Em linhas gerais, prospectou-se que ao passar dos encontros, os educandos desenvolvessem capacidade de interagir de maneira mais crítica aos conteúdos informacionais aos quais possuem acesso, não sendo apenas receptores desses discursos.

4.1. Primeiros contatos

O primeiro encontro foi marcado por apresentações, com a apresentação da pesquisa e do pesquisador. Nesse dia os alunos assistiram a uma explanação sobre o que são as Fake News com as categorias de análise elaboradas pela First Draft, já supracitada nesse trabalho. Demonstrando a escala de danos atribuída a cada uma das categorias, reforçando que a entonação apresentada e a forma com que uma matéria é escrita pode mudar em sua totalidade o contexto da informação

apresentada, sem contar que muitas das inverdades proferidas são fabricadas e tendo intencionalidades bem definidas atingindo um número significativo de pessoas ou instituições com alta relevância na sociedade.

Em seguida, foi argumentado aos estudantes quais são os benefícios e malefícios que os mecanismos informacionais possuem no cotidiano, entendendo que através desses meios encontramos informações, conteúdos que mexem com nossas emoções, nos aproximam de diferentes culturas e permitem a criação de ídolos e inspirações futuras em nossas vidas.

Por outro lado, sobretudo na sociedade globalizada em que vivemos, esses veículos carregam mesmo que em algumas oportunidades indiretamente estímulos que façam que o receptor tenha problemas de convívio, com a necessidade constante de consumo para uma satisfação pessoal ou por convenção social para ser aceito em determinado grupo. Com o capital financiador desse sistema sendo na maioria dos Estados Unidos da América e do continente europeus, os povos que não integram essas nações são os mais suscetíveis a serem alvo das notícias falsas.

Adiante, os estudantes tiveram maior espaço de fala durante a dinâmica, com algumas perguntas norteadoras para reflexão e debate acerca do tema previamente elucidado: Você já se deparou com Fake News em redes sociais? Sabe identificar uma notícia verdadeira e falsa? O que a Geografia tem a ver com esse assunto?

Para tornar a aula mais prática, foram apresentadas informações falsas sobre os eventos climáticos ocorridos no Rio Grande do Sul no mês de maio de 2024 e um texto negligenciando a emergência climática, a fim de contextualizar a teoria demonstrada anteriormente.

Embora o discurso das mudanças climáticas globais evidencie, de forma genérica, que os impactos do fenômeno se abaterão sobre toda a humanidade, claro está que não serão homogêneos. Dito de outra maneira, e sobretudo devido à generalizada pobreza da população mundial, donde alta a altíssima vulnerabilidade desta, os efeitos do fenômeno sobre as populações pobres serão muito mais elevados que naquela que concentra a riqueza no planeta. Assim, e cientes do papel do processo de educação e de ensino-aprendizagem, em todas as disciplinas e na inter-transdisciplinaridade, na compreensão da realidade, ressalta-se sua importância como fator de sensibilização e da conscientização necessárias ao enfrentamento do problema. (MENDONÇA, et.Al, 2022, p.719)

Os artigos de opinião podem ser concebidos como elementos de livre pensar, prevalecendo sua liberdade de expressão, no entanto, toda opinião emitida em

veículos de grande circulação deve seguir princípios éticos e condizer com o que a ciência difunde, o que não acontece na Figura 2.

Figura 2- Artigo de opinião com negacionismo climático



Fonte: Revista Oeste: Disponível em
<<https://revistaoeste.com/agronegocio/a-nova-bobagem-agroclimatica/>> Acesso em 12 junho 2024

As redes sociais também são um terreno fértil para a construção de novos ídolos, como o caso do empresário sul-africano Elon Musk. Durante o período de enchentes no Rio Grande do Sul em maio de 2024, uma de suas empresas, a Starlink foi noticiada como a única a fornecer sinal de Internet no estado gaúcho.

Figura 3 - Postagem exalta erroneamente empresa de Elon Musk



Fonte: Reuters

Entendeu-se como relevante levar informações como essas pois perpassam por temáticas ambientais e sociais, temas bem importantes quando se fala em Geografia, sobretudo em época de mudança climática constante.

Nos últimos 20 minutos de aula, os alunos responderam de forma anônima em uma folha as seguintes perguntas.

- 1) O que você sabia sobre as fake news antes dessa aula?
- 2) A aula contribuiu para a sua compreensão do que é fake news, ou não?

Por quê?

- 3) Qual é a relação entre internet e as redes sociais com as fake news?

Os discentes entregaram as respostas que serviam para compor os dados da pesquisa.

A partir dessas proposições vieram também indagações dos estudantes, especialmente sobre as enchentes, se a ação antrópica influenciou para o agravamento das inundações no Rio Grande do Sul, o que permitiu horizontalidade no processo e uma melhor percepção da atividade sob a perspectiva de quem está se imergindo no tema pela primeira vez, desenvolvendo a seguinte habilidade.

Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e de diferentes gêneros textuais e as tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p.136)

Tendo em vista esta sequência didática ser a primeira, privilegiou-se a aparição de conteúdos que colocassem o estado do Rio Grande do Sul como protagonista, não em forma de sobrepôr tal localidade em detrimentos de outras unidades da federação, mas por ser o estado brasileiro que os alunos habitam, trazendo assim informações cotidianas aos educandos, que vivenciaram os eventos climáticos ocorridos nesse território.

A ideia de realidade do aluno é, nesse movimento, uma prática discursiva que articula estes diferentes discursos atuantes sobre formulação da orientação moderna da geografia escolar, hegemonizando um sentido reformador de seu ensino a partir do debate escalar que é mediado, por um lado, pelos 'círculos concêntricos' como estratégia pedagógica, e por outro lado, pelo 'método indutivodedutivo' como concepção metodológica da geografia enquanto ciência. (CABRAL, et.AL. 2021, p.4)

4.2. Segunda sequência didática

Dando prosseguimento ao planejamento, a segunda aula começou com uma pergunta aos estudantes: “Qual fake news você já acreditou? Por quê?” Dois estudantes se manifestaram. Um deles relatou sobre um possível tremor de terra ocorrido em Pelotas no ano de 2021, mas se tratava de uma explosão na pedreira. O outro relato deu conta sobre os refugiados trazerem doenças para a população brasileira. Com o auxílio do quadro, foi passada uma breve explicação sobre o que é xenofobia e como esse preconceito afeta diversas populações no mundo e o quanto esse crime teve aumento de denúncias nos últimos anos no Brasil.

Tendo em vista a maior notificação de casos de xenofobia, entendeu-se pertinente levar as estatísticas presentes na Figura 4 para sala de aula.

Figura 4 - Definição de xenofobia

O que é xenofobia?

Segundo o dicionário Michaelis, a palavra "xenofobia" tem origem grega e foi formada a partir da junção entre o prefixo "xeno" (que significa "estrangeiro" ou "estranho") e o sufixo "fobia" (que quer dizer "medo" ou aversão).

"Xenofobia é uma forma de discriminação, desumanização e não aceitação do outro. É uma forma de interdição da humanidade plena do outro, geralmente associado ao imigrante, esse 'outro' que vem de fora, esse 'outro' 'estranho'", define a pesquisadora Liana Lewis, professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutora em antropologia pela Universidade Nottingham Trent, no Reino Unido.

Como a xenofobia surgiu e cresce no mundo?

De acordo com a professora doutora da UFPE Liana Lewis, que coordena o Núcleo de Pesquisa em Autoritarismo e Contemporaneidade, a xenofobia pode estar presente em todo tipo de sociedade e nasce a partir de processos de hierarquização e diferenciação entre as pessoas.

"A gente passa, em nível global, por uma associação entre o neoliberalismo - que vai ser uma completa desarticulação do conceito de coletividade e bem-estar social - e o movimento de massas que desautoriza o 'outro', utiliza muito do afeto, como é típico do fascismo, e da construção da diferença como impossível de se conviver", afirma Liana Lewis.

Denúncias de crimes de ódio em 2022

Crime de ódio	Denúncias em 2021	Denúncias em 2022	Crescimento
Apologia a crimes contra a vida	7390	10384	40,50%
LGBT Fobia	5347	8136	52,16%
Misoginia	8174	28679	250,85%
Neonazismo	14476	2661	-81,60%
Racismo	6888	9259	34,40%
Xenofobia	1097	10686	874,10%
Intolerância religiosa	759	4220	455,99%

Fonte: G1 (2023). Disponível em <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2023/06/13/voce-sabe-o-que-e-xenofobia-entenda-o-crim-do-qual-brasileiro-agredido-em-portugal-foi-vitima.ghtml> Acesso em 01 jul. 2024

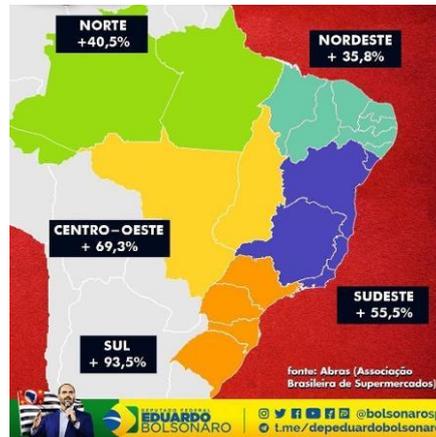
Na sequência, os estudantes receberam algumas informações falsas retiradas de redes sociais, transmissões ao vivo e portais de notícias. Após um tempo para leitura, foi feito o debate para elucidar as notícias, primeiramente ouvindo os alunos para saber se acham as notícias verdadeiras ou falsas e quais as razões levaram a essa opinião.

Com essa apresentação, buscou-se desmistificar alguns paradigmas historicamente atribuídos a determinados povos, se valendo de uma competência da Base Nacional Comum Curricular, Brasil (2018), que visa "reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos." E a partir disso "identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos."

Na figura 5, pode-se observar uma distorção na composição das regiões brasileiras, o que denota além da desinformação, um desrespeito com as

populações inseridas nesses territórios, que em muitos casos possuem ligações afetivas e de pertencimento com determinadas localidades.

Figura 5: Deputado Eduardo Bolsonaro divulga mapa com informações equivocadas



Fonte: Revista Fórum. Disponível em

<<https://revistaforum.com.br/politica/2023/7/6/eduardo-bolsonaro-comete-erro-tosco-com-mapa-do-brasil-vira-piada-nas-redes-138998.html>> Acesso 10 jan. 2024

As populações de nações latinas são mais suscetíveis a receberem notícias falsas e também de falsas atribuições à seus países como nota-se na Figura 6.

Figura 6 - Publicação aponta que Cuba será beneficiada com placas automotivas do Mercosul



Fonte: Gazeta do Povo / Reprodução Facebook Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/automoveis/cuba-nao-sera-beneficiada-com-a-nova-placa-mercossul-no-brasil-5pig8a10pvg83t4en4h0inc0q/>> Acesso 14 nov.2023

Os conflitos armados entre Israel e Hamas causam impactos globais, inclusive no Brasil. Na Figura 7, a manchete traz uma suposta ajuda governamental brasileira e de movimento social ao Grupo Hamas, no entanto, trata-se de uma doação de alimentação à comunidade palestina residente no Brasil em anos anteriores.

Figura 7- Postagem mente sobre destino de doação de alimentos



Fonte: Twitter. Disponível em <<https://x.com/mspbra/status/1719066615340294239>> Acesso 19 nov.2023

Com essa apresentação, buscou-se desmistificar alguns paradigmas historicamente atribuídos a determinados povos, se valendo de uma competência da Base Nacional Comum Curricular, Brasil (2018), que visa “reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos.” E a partir disso “identificar diversas formas de violência (física, simbólica, psicológica etc.), suas causas, significados e usos políticos, sociais e culturais, avaliando e propondo mecanismos para combatê-las, com base em argumentos éticos.”

Realizada a divulgação e explicação do porquê essas informações estão equivocadas e quais impactos elas podem causar em diferentes grupos da sociedade, os estudantes responderam três perguntas de maneira escrita e devolveram ao pesquisador com as respostas.

Cite e explique duas notícias falsas que você já recebeu nos últimos anos.

Notícia falsa 1: ____

Por que é falsa?__

Notícia falsa 2: __

Por que é falsa?__

-De que forma você acha que as informações falsas podem prejudicar o local em que vivemos?

-Como você acha que a Geografia pode contribuir para a diminuição de propagação de Fake News?

4.3 O encontro final

O último encontro com os estudantes teve a mesma duração dos anteriores. No início da aula fora mostrado um vídeo de como as Fake News influenciam a rotina nas periferias brasileiras². O vídeo foi exibido no televisor presente na sala de aula e a seguir no quadro foi escrita uma explicação sobre Inteligência Artificial, amparada na Figura 8

Figura 8 - Explicação sobre Inteligência artificial

No último ano, a inteligência artificial deixou de ser apenas uma peça de ficção científica ou uma ferramenta restrita às gigantes de tecnologia e caiu no domínio público.

Na verdade, a inteligência artificial já vinha sendo usada no dia a dia das pessoas há anos, mas nem sempre essas tecnologias eram rotuladas com esse nome. As buscas por termos no Google ou assistentes de voz como a Siri são exemplos de inteligência artificial que estão sendo usadas pelo público há anos.

Mas o mundo começou a abrir os olhos para a inteligência artificial a partir de 30 de novembro de 2022, com o lançamento do Chat GPT e suas habilidades quase "humanas" de realizar tarefas. O Chat GPT consegue redigir artigos em qualquer formato - como cartas, relatórios ou até mesmo poemas -, responder perguntas complexas ou resumir o conteúdo de determinados textos.

Fonte: BBC. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c511974y6pro>> Acesso 1 jul.

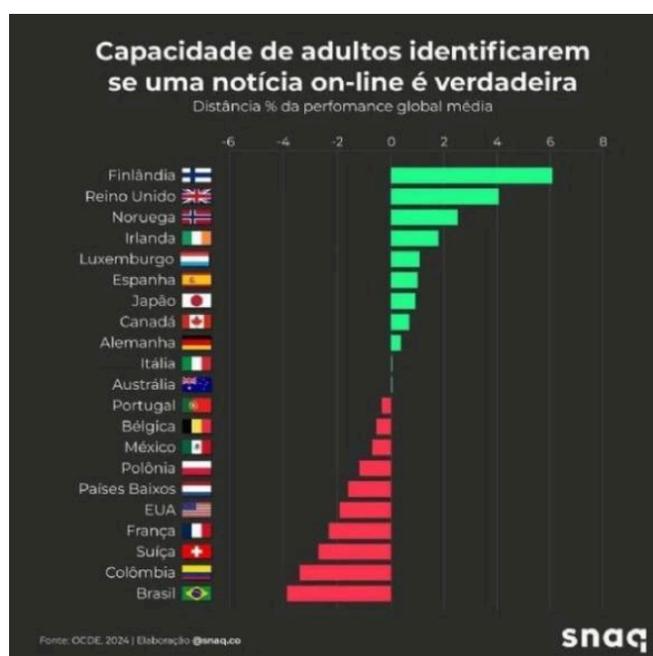
2024

Posteriormente, em uma roda de conversa sobre o tema abordado nas aulas anteriores, ouviu-se os discentes a respeito do que entenderam sobre Fake News e

² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=0bjnF6dv1-4>> Acesso 8 jul.2024

levantando novas questões sobre como podemos romper ou diminuir o ciclo das informações falaciosas e como a inteligência artificial está influenciando positivamente e negativamente a problemática. Para isso, foi falado sobre o projeto de lei que tramita no Congresso Nacional que visa punir quem espalha Fake News (PL 2630/2020)³, principalmente as gigantes empresas de tecnologia. Com o intuito de estimular o debate foi projetado no televisor o ranking da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) sobre a capacidade de cada população identificar notícias falsas e o problematizamos, representado na Figura 9.

Figura 9- Ranking sobre capacidade de identificação de notícias falsas



Fonte: Revista Fórum: Disponível em <https://revistaforum.com.br/midia/2024/7/11/pesquisa-aponta-qual-pais-no-mundo-que-mais-acredita-em-fake-news-161920.html>> Acesso em 14 julho 2024.

Por fim, os alunos responderam às seguintes perguntas de forma anônima a serem entregues:

- 1) Cite três consequências causadas pelas Fake News
- 2) Por que o Brasil está na liderança do ranking dos países em que as pessoas mais acreditam em Fake News?

³ Disponível em

<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2256735&fichaAmigavel=nao>> Acesso 12 fev. 2024

- 3) Como você acredita que pode ajudar familiares e amigos a não disseminar Fake News ou elucidar uma informação falsa?
- 4) As aulas sobre Fake News contribuíram para você perceber que esse é um tema presente na Geografia? De que forma?

Como fechamento foi enfatizado aos estudantes que o trabalho de combater a desinformação é dever, sobretudo de quem defende a democracia e acredita na ciência e que eles se tornem multiplicadores de informações verídicas para que a si mesmos e pessoas próximas não sejam vítimas de golpes e do negacionismo.

5. DISCUTINDO AS PRÁTICAS

Nessa seção as práticas realizadas na Escola Cassiano do Nascimento serão analisadas e discutida, relatando as potencialidades e as dificuldades observadas no processo de construção de uma sequência didática a uma turma de ensino médio para abordagem que versa sobre Educação Midiática dando protagonismo à ciência geográfica, com a premissa de que os alunos não sejam apenas receptores de informações. Tal conjunto de ações corrobora com o pensamento de Becker (2008 p.56), “Dar significado a um conhecimento, tomando-o para si, apropriando-se dele; pesquisar, dialogar, interpretar, assimilar, ressignificar, manipular, analisar, mudar o que for necessário; um movimento de procura, de saber.”

Tão importante quanto planejar e executar atividades, o exercício de refletir e analisar seu próprio trabalho é uma tarefa importante ao professor-pesquisador, embora seja sabido que por conta da desvalorização profissional acentuada nos governos neoliberais nas últimas décadas, nem sempre pode ser realizado.

A auto-avaliação é um processo cognitivo complexo pelo qual um indivíduo (aprendiz³, professor³) faz um julgamento voluntário e consciente por si mesmo e para si mesmo, com o objetivo dum melhor conhecimento pessoal, da regulação de sua ação ou de suas condutas, do aperfeiçoamento da eficácia de suas ações, do desenvolvimento cognitivo. (RÉGNIER, 2002, p.56)

5.1. Diário de bordo

Como mencionado anteriormente, as práticas ocorreram na Escola Cassiano do Nascimento, uma instituição reconhecida pela comunidade e que se caracteriza por ser uma escola de boa estrutura atendendo os ensinos fundamental e médio. Por ficar localizada na Avenida Dom Joaquim, uma importante via da Zona Norte de Pelotas, a escola recebe alunos de diversos bairros da cidade.

A turma que assistiu e participou das sequências didáticas faz parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA), portanto, o que se observou era uma sala composta majoritariamente por alunos-trabalhadores de faixa etária distinta indo de adolescentes a pessoas com mais de cinquenta anos. No primeiro encontro, ao perguntar a eles se ansiavam acessar a universidade, nem todos carregavam consigo esse desejo, todavia, esses educandos disseram gostar muito de fazer o ensino médio pois possibilita melhores condições de trabalho. Essa falta de alento para acessar novas instâncias de ensino, em muitos casos são carregadas por estereótipos atribuídos historicamente aos alunos de EJA, que na percepção dessas pessoas, são estudantes que ‘fracassaram’ em sua trajetória escolar, enquanto isso,

para pesquisadores que dedicam seus trabalhos aos meandros dessa modalidade de educação, existem fatores que levam os discentes para o tal fracasso, com estruturas que independem do sujeito.

O fracasso escolar não é um monstro escondido no fundo das escolas e que se joga sobre as crianças mais frágeis, um monstro que a pesquisa deveria desembocar, domesticar, abater. O "fracasso escolar" não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado "fracasso escolar". (CHARLOT, 2000, p.17)

Quanto à participação discente observou-se que na primeira sequência houve uma participação maior dos alunos na resolução das questões propostas, isso se deve a alguns fatores: primeiramente, na aula introdutória o número de alunos presentes em sala foi maior que nas sequências posteriores e adiciona-se a isso o fator novidade, por ser uma atividade diferente, a curiosidade foi despertada.

Nos encontros seguintes, houveram eventos que contribuíram para uma menor participação como ida na Fenadoce e Festa Junina na escola, fazendo com que os alunos chegassem cansados na aula, no entanto, a participação foi considerada satisfatória, visto que a maioria dos estudantes respondeu às perguntas propostas e entendeu a pertinência do tema.

Quanto à execução, o planejamento proposto foi correspondido, tendo sequências didáticas que apresentaram recursos suficientes para a explanação da temática. Munido de vídeos, gráficos, registros em textos, espaços para a discussão oral e resolução de perguntas de maneira discursiva, as aulas comportam um espaço de socialização de informações e percepção de um assunto ainda novo aos estudantes em se tratando da ciência geográfica.

5.2. A apresentação ao tema

O primeiro contato de um professor e pesquisador com uma nova turma é tomado de ansiedade, por saber como é o grupo escolar, se o trabalho será bem aceito e se o tema apresentado fará sentido e será problematizado pelos educandos.

Cheguei a escola com a ideia de que os discentes pudessem construir uma trilha de aprendizagem a partir da apresentação e discussão a respeito do tema "Fake News e Ensino de Geografia". O que pude perceber nesse primeiro encontro foi uma turma que já tinha alguma familiaridade com o tema embora não soubesse conectar com a ciência geográfica em um primeiro momento, provavelmente pela

ausência de encontros que versem sobre educação midiática no limiar de sua vida escolar.

As perguntas elaboradas para o questionar os educandos sobre o tema necessitaram ser introdutórias, na medida que era a primeira interação deles com o tema durante uma aula de Geografia.

Quadro 1 - Respostas dos alunos nas questões propostas na primeira aula.

PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	O que você sabia sobre as fake news antes dessa aula?	A aula contribuiu para a sua compreensão do que é fake news, ou não? Por quê?	Qual é a relação entre internet e as redes sociais com as fake news?
Aluno 1	"Já sabia algumas coisas, o quanto isso afeta a vida das pessoas e como é ruim isso."	"Sim, deu pra ter uma boa noção sobre o assunto."	"Uma contribui com a outra para que aconteça esse tipo de coisa."
Aluno 2	"Não muita coisa. Só o básico."	"Sim, ajudou a entender melhor."	"Ajuda a se espalhar a notícia Fake News mais rápida."
Aluno 3	"Não sabia muitas informações sobre."	"Sim, pois as únicas vezes que ouvi coisas sobre Fake News foi na época da pandemia."	"É a facilidade de propagação e velocidade de repercussão."
Aluno 4	"Sabia que Fake News são basicamente mentiras no mundo da internet."	"Sim, mesmo eu já sabendo o que seja, lembrar é sempre bom."	"É a facilidade de propagação e velocidade de repercussão."
Aluno 5	"Eu acreditava em muito do que via. As vezes poderia ser muito forte a Fake News. Mas sempre pensava se era verdade ou não."	"Sim, contribuiu muito, porque não sabia direito do que se tratava."	"Por onde as notícias mais saem e todos têm acesso mais rápido."
Aluno 6	"Sabia que uma Fake News é uma falsa notícia."	"Contribuiu porque informação é sempre bem-vinda."	"Onde as notícias falsas se espalham."

Fonte: Autoria própria. (2024)

Quadro 2 - Respostas dos alunos nas questões propostas na primeira aula.

PRIMEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	O que você sabia sobre as fake news antes dessa aula?	A aula contribuiu para a sua compreensão do que é fake news, ou não? Por quê?	Qual é a relação entre internet e as redes sociais com as fake news?
Aluno 7	"Fake News se propaga em sua maioria pela Internet. Propaga mentiras, ódio, preconceito, distorções e até mesmo informações educacionais erradas."	"Sim, pois me trouxe várias informações adicionais sobre as Fake News, por exemplo, sobre as Fake News Geográficas."	"As Fake News se propagam muito pelas redes sociais e pela Internet em geral."
Aluno 8	"Eu sabia apenas o básico, visto que essas notícias geralmente são feitas para prejudicar alguém."	"Sim, contribuiu, pois me trouxe mais conhecimento sobre esse tema, tendo em vista que eu sabia apenas o básico."	"É uma relação muito forte, pois geralmente as Fake News se propagam em sites ou redes sociais."
Aluno 9	"Eu já sabia."	"Sempre é bom saber mais."	"A Internet é bomba de informações."
Aluno 10	"Sabia que era notícias falsas"	"Sim, porque eu às vezes via alguma notícia achando que era verdade, sendo que no meio tinha uma notícia falsa."	"A relação é que as pessoas (algumas) usam as redes sociais para criar fakes."
Aluno 11	"Bastante a respeito."	"Sim, me fez compreender de modo mais objetivo o tema."	"O meio mais comum de compartilhamento de Fake News é por Internet e redes sociais."

Fonte: Autoria própria. (2024)

Embora os questionamentos tenham sido de cunho mais amplo sobre Fake News não entrando na Geografia 'em si', a ciência a qual essa dissertação é apresentada, esteve presente durante o encontro versando principalmente a respeito de temas ambientais inerentes à Geografia, sobretudo as enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul no mês de maio de 2024, com suas origens, discursos profanados e medidas a serem tomadas de modo de que fenômenos como esse não se repitam, conforme abordado anteriormente nesse trabalho. Por se tratar de uma turma da Educação de Jovens e Adultos, o grupo de alunos é múltiplo no que tange faixa etária.

5.3. Reflexão sobre a segunda sequência

No segundo encontro, já se observou um grupo mais ambientado ao tema, sobretudo pela exposição de figuras que remetem a temas atuais como os conflitos ocorridos no Oriente Médio entre Israel e Hamas, que mesmo ocorrendo longe fisicamente do local de moradia dos alunos, é um tema recorrente ao cotidiano, tamanha a exposição do conflitos nos meios informacionais e redes sociais.

Conforme essa ótica, um conflito midiático envolve dinâmicas que são geralmente de três ordens: amplificação, enquadramento e agência performática e coestruturação. Por amplificação, entende-se a capacidade da mídia de amplificar o conflito e de ampliar suas bordas geográficas e discursivas, inclusive por meio da disseminação de notícias desterritorializadas. O enquadramento diz respeito a uma ideia de “dramaturgia” dos conflitos a partir de diferentes gramáticas de mídia, visto que a linguagem, para os autores, tem tanto a função de enquadrar como de performar, isto é, atribuir uma narrativa seriada entre conflitos. Por fim, a coestruturação envolve as diferentes relações de poder que emergem nos conflitos. Essas dinâmicas representam, assim, não uma tipologia de conflitos, mas seus mecanismos que se manifestam de modos combinados e complexificados. (ROSA, 2022, p.106)

No entanto, por já não se tratar de um fato novo, notou-se um corpo discente com mais resistência em expressar seus conhecimentos oralmente. O que segundo Sanchez (2018) é uma característica marcante na Educação de Jovens e Adultos.

De uma forma geral sempre encontraremos algumas resistências ao novo, exemplificadas, entre outras formas, pela timidez. Além disso, na EJA é muito presente a questão da baixa autoestima, o que faz com que qualquer proposta que aparente certa complexidade para ser realizada seja vista como árdua e improvável. Mas logo que o material vai ganhando forma os envolvidos se tornam mais confiantes, conseqüentemente mais responsáveis e o “filme” ganha mais organizadores. (SANCHEZ, 2018, p.49)

Um momento de interação mais significativa em sala de aula foi quando aconteceu a exposição no quadro da conceituação de xenofobia, houveram relatos de que não sabiam que o ódio a um povo uma nação obtém uma terminologia e uma aluna comentou que a xenofobia já está enraizada na sociedade com a construção de estereótipos e suas reproduções.

Passando para a parte escrita do processo, foi o momento de maior dificuldade pois alguns estudantes não quiseram responder, alguns dos discursos se repetiram no relato, o que pode ser interpretado como as mentiras se espalham em grandes proporções ao ponto de serem as primeiras lembranças mesmo em um grupo pequeno de indivíduos.

Quadro 3 - Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.

SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	Cite e explique 2 notícias falsas que você recebeu nos últimos anos?	De que forma você acha que as informações falsas podem prejudicar o local em que vivemos?	Como você acha que a Geografia pode contribuir para a diminuição de propagação de Fake News?
Aluno 1	<p>Notícia falsa 1: Vacinas matam. Por que é falsa? Pois não matam.</p> <p>Notícia falsa 2: Bug do Milênio Por que é falsa? Pois o mundo não acabou.</p>	"Pode causar pânico, morte, medo, manifestações, etc."	"Estudar Geografia contribui para obter mais informações sobre o ambiente, território, números, assim portanto poderá saber o que é falso e o que é verdadeiro."
Aluno 2	<p>Notícia falsa 1: "Eu vi no celular que o governo estaria pagando 14º salário dos aposentados, depois fiquei sabendo de pessoas pouco instruídas teriam se deslocado até o banco para receber." Por que é falsa? "É falsa porque não existe essa notícia nos telejornais."</p>	"Pelo fato de por exemplo se informam de uma inscrição para um determinado curso grátis. Pessoas que procuram um curso e estão de repente sem dinheiro pra pagar e pedem emprestado para uma passagem e se deslocam até o local e chegando lá o curso não existe ou tem uma taxa de inscrição ou tem que pagar os materiais utilizados."	"Por exemplo, se estudarmos mais Geografia, poderíamos nos localizarmos com mais facilidade e assim observar os estados ou cidades que aquela notícia está se referindo."
Aluno 3	<p>Notícia falsa 1: "Quando eu assistia filmes piratas na Internet apareciam propagandas dizendo 'você ganhou um iPhone 13.' " Por que é falsa? "Nem preciso dizer." Notícia falsa 2: "A Globo falando das Bahamas. Uma vez disseram que as Bahamas haviam deixado de comprar vacinas." Por que é falsa? "Haviam comprado um mês atrás."</p>	"As mentiras sempre dizem contra a verdade. A falta de verdade pode causar: matar, roubar, brigar, várias coisas. E com as Fake News isso não mudou."	"Sendo levado mais a sério e realidade e profissionalismo."

Fonte: Autoria própria. (2024)

Quadro 4- Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.

SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	Cite e explique 2 notícias falsas que você recebeu nos últimos anos?	De que forma você acha que as informações falsas podem prejudicar o local em que vivemos?	Como você acha que a Geografia pode contribuir para a diminuição de propagação de Fake News?
Aluno 4	<p>Notícia falsa 1: "Vacinas da Covid matam" Por que é falsa? "Elas nos protegem."</p> <p>Notícia falsa 2: "Bug do Milênio." Por que é falsa? "O mundo não acabou."</p>	"As Fake News prejudicam causando manifestações, brigas e até morte."	"Estudar Geografia contribui para obter informações sobre números, território, ambiente e assim auxiliando a saber o que é certo ou errado."
Aluno 5	<p>Notícia falsa 1: "Terremoto em Pelotas" Por que é falsa? "Foram pedreiras."</p> <p>Notícia falsa 2: "Internet ia acabar em 2024 por causa do sol." Por que é falsa? "Não aconteceu"</p>	"Podem causar intrigas, desinformação, até mesmo morte, manifestações, medo e pânico."	"Análise do ambiente, território, números e etc. Pode promover informações corretas de informações erradas na internet."
Aluno 6	<p>Notícia falsa 1: "A notícia de que a Pablio Vittar iria estampar as notas de 50 reais." Por que é falsa? "Isso não tem fundamento algum."</p> <p>Notícia falsa 2: "O desaparecimento do Nego do Borel." Por que é falsa? "Ele não havia desaparecido."</p>	"Podem ser usadas para prejudicar a saúde pública, como no caso da vacina, que poderia transformar as pessoas em 'jacarés'"	"Consegue trazer mais informações para que as pessoas não caiam em Fake News."

Fonte: Autoria própria. (2024)

Quadro 5 - Respostas dos alunos nas questões propostas na segunda aula.

SEGUNDA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	Cite e explique 2 notícias falsas que você recebeu nos últimos anos?	De que forma você acha que as informações falsas podem prejudicar o local em que vivemos?	Como você acha que a Geografia pode contribuir para a diminuição de propagação de Fake News?
Aluno 7	<p>Notícia falsa 1: "A subida da porcentagem nos supermercados." Por que é falsa? "Porque houve um desentendimento na divisão dos estados." Notícia falsa 2: "O mundo acabar em 2012" Por que é falsa? "Porque não acabou."</p>	"Pode causar pânico e afetar outras pessoas, manifestações."	"Se entender Geografia, tu pode saber se um gráfico está certo ou não."
Aluno 8	<p>Notícia falsa 1: Por que é falsa? Notícia falsa 2: Por que é falsa?</p>	"Dependendo das informações se for falsa, elas podem afetar toda uma comunidade e até desequilibrar uma sociedade."	"Ela pode ter uma contribuição muito importante."
Aluno 9	<p>Notícia falsa 1: "Vacinas matam." Por que é falsa? "Pois não matam." Notícia falsa 2: "Bug do Milênio." Por que é falsa? "O mundo não acabou."</p>	"Pode causar pânico, morte, medo, manifestações, etc."	"Estudar Geografia pode contribuir para obter mais informações sobre o ambiente, território, números. Assim portanto poderá saber o que é falso e o que é verdadeiro."

Fonte: Autoria própria. (2024)

5.4. Discutindo a terceira prática

A terceira prática constituiu-se como um fechamento da abordagem com a turma proporcionando uma experiência de diálogo, escrita e reflexão. Sabendo do anseio de parte dos estudantes em realizar as provas do Exame Nacional de Ensino Médio e conhecendo a estrutura da prova que se materializa pela presença de gráficos e gravuras, foram levados elementos visuais para não apenas ambientar os alunos ao tema da prática mas ajudá-los na preparação de estudos para o ENEM.

A reforma educacional brasileira atribui ao Ensino Médio o objetivo de formação para o trabalho e a cidadania. Para isso, são introduzidos "novos" pressupostos que legitimam uma "nova" abordagem sobre o Conhecimento e sobre o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, propondo uma mudança epistemológica. Entretanto, a formulação unilateral das reformas, além da falta de investimento público nos sistemas escolares, produz uma determinada tensão no interior do contexto educacional, o que determina, no cotidiano da prática educativa, conflitos entre as concepções das reformas e aquelas inerentes à formação dos professores. (COSTA, 2004, p.5)

Quando fora mostrado o vídeo extraído do Jornal da Band, houveram comentários dos educandos como por exemplo "nossa, qualquer assunto que vimos

na TV pode ser falado em aula”, o que além de motivar o pesquisador a seguir promovendo seus estudos, referenda a importância dos alunos adquirirem e interagirem com conhecimento em diversos espaços, evidentemente, com a devida curadoria e prevalecendo o conhecimento científico, levando em consideração a relação espaço-tempo estabelecida em seu território.

A atividade científica é sempre marcada por condicionamentos históricos, socioeconômicos, culturais etc. Os acertos da ciência são ancorados em experiências de tentativa e erro, atravessadas pelos preconceitos e pelas pré-compreensões dos pesquisadores. Um cientista se caracteriza não pela infalibilidade, mas pela capacidade de reconhecer suas falhas, pela disposição de retificar distorções eventualmente produzidas por preconceitos e pré-julgamentos. Nesse sentido, apresentar a trajetória de um pesquisador pressupõe dar destaque não só a suas descobertas, mas também a suas limitações, que refletem o período em que ele viveu. (ALMEIDA, VIEIRA, ALMEIDA, 2024, p.20)

Com a transmissão de vídeo e exposição de gráfico, expõe-se a relevância do recurso didático no decorrer das aulas conforme frisam Brandão e Mello (2008) “Dessa maneira, há o estímulo de pensar várias hipóteses, razões e dúvidas em relação ao objeto de estudo, tendo o professor o papel de estimular os alunos ao questionamento, desenvolvendo o senso crítico.” Todavia, com o avanço do neoliberalismo e políticas de sucateamento do ensino público, um conjunto significativo de escolas não oferecem para seu corpo docente os suprimentos necessários para a concepção e efetivação prática de recursos didáticos.

A grande característica dos governos insensatos à transformação social é justamente o sucateamento da educação e a supressão de componentes curriculares ligados ao conhecimento revolucionário e demo-crático. Ante o evidente cenário nostálgicamente atrasado do sistema de ensino público no Brasil, há a necessidade urgente e precisa do desenvolvimento de investimentos no ensino público. Em curto prazo, mais contratações, capacitações e uma nova ordem de ensino que leve não ao aprisionamento, mas sim a emancipação da consciência política, educacional e social dos que usam do sistema. (PRANDI, et.AL. 2015, p.206)

Dada a exposição no quadro versando sobre Inteligência Artificial, foi perguntado aos estudantes se eles já usaram ferramentas como Google Assistente, Alexa e Siri (criadas por empresas de tecnologia com a premissa de serem assistentes pessoais) e a maioria dos alunos ergueu a mão relatando que já fizeram uso de pelo menos uma dessas ferramentas, ou seja, se num passado não tão distante as buscas em portais de navegação correspondiam para elucidar nossas dúvidas na Internet, atualmente, existem outros recursos que trazem essas respostas, recursos aperfeiçoados, contando até mesmo com sentidos presentes em seres humanos como a oralidade.

Chegando na parte da exposição do gráfico, nenhum aluno se mostrou surpreso ao ver que no ranking da OCDE o Brasil ocupa a lamentável liderança em potencial de crença em Fake News, como fora aberta uma roda de conversa, os discentes tiveram tempo para se manifestar, contrapor ou contribuir com as afirmações dos colegas. Uma fala eloquente nessa roda jogou luz sobre o papel dos influenciadores digitais nos dias atuais. “Hoje em dia, damos mais valor para o que um cara com 20 milhões de seguidores tem a dizer do que alguém que estudou 15 anos.” Em um primeiro momento pode se observar nessa fala uma negação ao empirismo, denotando que somente quem esteve presente no meio acadêmico pode emitir opiniões, mas a interpretação que eu tive do relato foi de que o discurso que reverbera e estimula discussões na sociedade é o propagado por quem acumula um número maior de espectadores nas redes sociais.

Indo para o final da aula, mais uma vez os estudantes responderam perguntas de forma anônima e entregaram ao pesquisador, assim finalizando as interações propostas nas sequências.

Quadro 6 - Respostas dos alunos nas questões propostas na terceira aula.

TERCEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	Cite três consequências causadas pelas Fake News	Por que o Brasil está na liderança do ranking dos países em que as pessoas mais acreditam em Fake News?	Como você acredita que pode ajudar familiares e amigos a não disseminar Fake News ou elucidar uma informação falsa?	As aulas sobre Fake News contribuíram para você perceber que esse é um tema presente na Geografia? De que forma?
Aluno 1	“Medo na população, ferir a dignidade de uma pessoa e eleger governantes ruins.”	“Porque não buscam as notícias em fontes de notícia confiável.”	“Indicando lugares bons para ver notícias e não passando informações falsas.”	“Sim, a desinformação tem muito a ver com as regiões (países, estados, etc.)”
Aluno 2	“Manipulação de votos nas eleições, golpes bancários e tomar vacina errada para tal doença.”	“Pela falta de notícias nos jornais.”	“Ensinando a fazer pesquisas concretas na Internet.”	“Só assisti a última aula. Não posso responder.”
Aluno 3	“Desconfiança com o governo, causar medo na população e arruinar reputações.”	“Porque as pessoas acreditam em todas as informações que aparecem na Internet e não buscam fontes confiáveis.”	“Não postando informações falsas e auxiliando os familiares e amigos a buscar fontes confiáveis.”	“As aulas contribuíram para aumentar meu conhecimento e fazer eu filtrar melhor as informações. A Geografia nos traz conhecimentos geográficos, de, mapas, cultural e com isso podemos verificar o que pode ser uma Fake News.”
Aluno 4	“Podem arruinar reputações sólidas e criar falsos dados, podem causar danos às instituições, prejudicar a democracia e a cidadania, fortalecer preconceitos, fomentar teorias da conspiração, influenciar artificialmente processos políticos, culturais, econômicos e sociais.”	“Por sempre procurar as informações na Internet e não por jornais ou fontes confiáveis.”	“A não publicar na Internet e não passar informações para outras pessoas de sites.”	“Sim, para contribuir a entender melhor sobre cada estatística de cada país.”

Fonte: Autoria própria. (2024)

Quadro 7- Respostas dos alunos nas questões propostas na terceira aula.

TERCEIRA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

	Cite três consequências causadas pelas Fake News	Por que o Brasil está na liderança do ranking dos países em que as pessoas mais acreditam em Fake News?	Como você acredita que pode ajudar familiares e amigos a não disseminar Fake News ou elucidar uma informação falsa?	As aulas sobre Fake News contribuíram para você perceber que esse é um tema presente na Geografia? De que forma?
Aluno 5	"Podem arruinar reputações sólidas e criar falsos ídolos, podem causar danos às instituições, prejudicar a democracia e a cidadania."	"Muitos são conteúdos falsos que disseminam crenças políticas, utilizando trechos de vídeos reais tirados de contexto."	"Auxiliando a diferenciar o que é notícia falsa da verdadeira."	"Contribuíram para perceber e diferenciar as Fake News."
Aluno 6	"Injustiça, problemas financeiros e sociais."	"Porque as pessoas são desinformadas e a quantidade de Fake News é grande."	"Sempre ter certeza se vem de fontes oficiais."	"Não."
Aluno 7	"Podem arruinar reputações e criar falsos dados, causar danos à instituições, prejudicar a democracia, culturas, economias e social."	"Por sempre procurar as informações na Internet e nunca por jornais ou fontes confiáveis."	"A não publicar na Internet e não passar informações para outras pessoas de sites."	"Sim, para contribuir a entender melhor sobre cada estatística de cada país."

Fonte: Autoria própria. (2024)

6. CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES

Diante do que foi vivenciado no limiar desse recorte temporal, bem como o que fora descrito nesse trabalho, entende-se que a publicação cumpriu com seus objetivos e com os anseios do pesquisador. Vivemos em uma época onde o conservadorismo passou a ter protagonismo, ou seja, quando se pressupõe uma prática progressista, nos configuramos como seres resistentes e com sede de mudança ao que está posto. Os objetivos primordiais desse trabalho enfatizam a importância da ciência geográfica fazer-se presente nos mais diversos espaços com suas particularidades e conhecimentos, a fim de colaborar para um melhor uso de recursos existentes às pessoas.

Os meios de comunicação são além de fontes de informação, formadores de opinião e o que eles divulgam em suas emissoras repercute na sociedade e provoca mudanças de pensamentos nas pessoas. O trabalho proposto foi à campo, ouviu e falou com alunos sobre um tema atual e pertinente, acredita-se que os resultados prospectados previamente foram atingidos. Entende-se como compreensível que alguns estudantes tenham apresentado dificuldade para conectar Geografia à discursos informacionais e sabe-se que isso deve-se, em outros fatores, ao ineditismo do contato ao tema. A pesquisa serviu para que a Educação Midiática possa ser um elemento a ser estudado por outros pesquisadores, que conforme ao passar dos anos, terão mais literaturas sobre a temática para referenciar seus trabalhos.

Jogar luz sobre a Educação Midiática em nossa ciência é uma tarefa significativa pelo contexto em que vivemos. Os conflitos que impactam os arranjos geopolíticos no planeta e a emergência climática que o Planeta Terra, implicam em uma série de informações divulgadas nos mais diversos meios de comunicação, no entanto nem todas as informações são verídicas e além de causar desinformação, afetam os sujeitos inseridos em determinados territórios.

Ressalta-se ainda a importância do estudo de temas atuais e cotidianos em sala de aula, embora nem sempre seja possível por fatores oriundos das políticas de sucateamento do ensino público em nações que o neoliberalismo avança como a praxe governamental o que implica em uma constante desvalorização do trabalho docente.

Os neoliberais veem o mercado como a base de se gerar lucro, riqueza. Defendem a ideia de se reformar as diversas áreas nas quais o Estado tem uma forte ação e responsabilidade, reduzindo os gastos públicos e,

consequentemente, tirando do estado aquilo que deveria ser fornecido e mantido por ele. Acompanham os acontecimentos históricos e sociais, adequando os seus interesses econômicos nos mais diversificados contextos. (SOARES, SILVA, 2018, p.30)

Em consequência disso e por se tratar de uma pesquisa amparada por uma Universidade pública, espera-se que esse trabalho contribua para o melhoramento de políticas públicas para formação continuada dos professores nas redes de ensino fundamental e média com os entes federativos mantenedores e as Instituições de Ensino Superior promovendo práticas que tenham o emprego de novas tecnologias para a construção de novos recursos didáticos. Os dispositivos móveis fazem parte do cotidiano especialmente das gerações dos estudantes do ensino fundamental e médio, por isso, entende-se considerar utilizar o celular da melhor maneira possível em sala de aula, buscando e problematizando conteúdos que muitas vezes são vistos, replicados mas não refletidos, fazer com o que o aluno questione aquele vídeo, matéria, infográfico que se depara nas redes sociais. Conforme já mencionado anteriormente, a internet permitiu a criação de “bolhas”, grupos fechados que se unem por afinidade ou trajetórias em comum, o que deu protagonismo para camadas historicamente subjugadas na sociedade como a população negra, originária, entre outros, torna-se necessário o contato de quem trabalha com Educação Midiática com esses grupos, para ouvir suas demandas e em se tratando de pesquisas que versam sobre Fake News, colher essas informações falsas e coletivamente criar mecanismos para que tais inverdades não se reproduzam ou não sejam criadas novamente, pois estas pessoas são as mais estereotipadas pelos discursos inverídicos.

A construção de um trabalho científico pressupõe iniciativas, busca pelo conhecimento, apresentação e sugestões de melhorias em suas linhas de estudo, mas também envolve dificuldades e percalços na sua trajetória. Em se tratando de um tema ainda novo no Programa de Pós-Graduação que estou matriculado, não tive tanta experiência de troca e discussões com colegas para a elaboração do trabalho, todavia, vejo como importante a multiplicidade de estudos dentro de uma mesma linha de ensino, o que demonstra o quão plural a ciência geográfica pode ser. Em vista disso, entende-se que a pós-graduação é uma continuidade de estudo, manutenção de vínculo entre egresso e Instituição de Ensino Superior que compartilham seu conhecimento dentro do Programa mas que dedicam-se na maior parte do tempo à sua linha de pesquisa.

Sem sombra de dúvidas a parte mais prazerosa para a escrita deste trabalho, foi a intersecção das duas graduações previamente feitas, poder desenvolver um trabalho a nível de mestrado unindo elementos do Jornalismo e da Geografia, com enfoque em seu ensino. A busca pelo recorte ideal a ser trabalhado levou quase o primeiro semestre na sua totalidade, inicialmente, estava tentado a trabalhar com Educação Inclusiva, mais especificamente sobre Transtorno do Espectro Autista, mas após algumas orientações optou-se pela Educação Midiática, que se mostrou um campo a ser ocupado pela Geografia e que carrega possibilidades importantes de estudo sobretudo na era da informação instantânea.

Evidentemente, a escrita de uma dissertação não é fácil e limites impedem de muitas coisas serem exploradas, por preocupação do mestrando por não achar interessante adicionar determinado conteúdo pensando em eventuais críticas ou pela rotina diária de outras atribuições. Embora considere satisfatório os encontros realizados no Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, gostaria de ter realizado atividades em mais momentos com os estudantes daquela turma, no entanto, por já se tratar de um último ano de escrita de dissertação e sabendo da dinâmica do calendário escolar de um terceiro ano do ensino médio, série a qual os discentes têm a particularidade não só da formatura mas também da realização de provas como o Exame Nacional do Ensino Médio, a escolha foi por três encontros presenciais. Fazendo um exercício de autoavaliação sobre a produção da pesquisa, permito-me discorrer sobre um elemento que gostaria de abordar mas não foi possível. Entendo que relatos de docentes através de entrevistas ou formulários a respeito de Educação Midiática e seu uso no ensino de Geografia enriqueceria a publicação mas por conta de outras atribuições como trabalho não foram possíveis. Enquanto desafio, o ineditismo da pesquisa em certa medida foi o maior encontrado para a escrita, seguido pela rotina diária de ter outra atribuição profissional, que culminou em uma entrega um pouco mais tardia da dissertação.

Esse trabalho trouxe pensamentos de pesquisadores da área da educação em diversos momentos mas a Geografia sempre esteve intimamente ligada no decorrer da pesquisa, sobretudo com temas atuais, seja pelo constante noticiário geopolítico que culmina em conflitos em diversas partes do globo, que acarreta, ou seja pelo avanço da emergência climática que por intermédio de ações antrópicas, governamentais e industriais causam alterações no clima.

A realidade assume nas primeiras séries do ensino fundamental o centro de todo o processo desencadeador. É na realidade que se encontra a concretude do mundo. O enfoque dado à realidade será libertador desde que não se proponha a uma descrição linear e superficial dos seus acontecimentos e objetos, mas, ao contrário, buscar o entendimento, entrar na sua essência e agir sobre ela, num processo contínuo de transformação. (STRAFORINI, 2022, p.98)

Refletindo sobre a importância do trabalho e seus desdobramentos, imagino que a continuidade dele seja necessária, enquanto prática em sala de aula, utilizando competências e habilidades da BNCC para adequar-se à abordagem de cada série letiva e também aprofundando os estudos, quiçá, desenvolvendo-o em um programa de doutorado. Conclui-se aqui uma etapa, mas não um processo, seguiremos acreditando e sobretudo, lutando pela ciência geográfica.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sheila Alves de; ALMEIDA, Phillipe Oliveira de; VIEIRA, José João. Darwin no Brasil: a divulgação científica em quadrinhos. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.4.2024. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/edur/a/hgXCG4CVTbt4PQCtbsjD9Fy/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 11 out. 2024
- ANDRADE, André Gustavo Corrêa. Liberdade de Expressão e Discurso de Ódio. **R. EMERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 9-34, Jan.-Mar. 2021. Disponível em <https://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista_v23_n1/revista_v23_n1_9.pdf> Acesso em 4. jun. 2023
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: 1ª edição. 1977.
- BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. In:_____. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- BECKER, Fernando. Aprendizagem – concepções contraditórias. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**. Marília. Unesp. Volume 1 nº 1 – Jan/Jun, 2008
- BLANCO, Patrícia. Entenda o que é a educação midiática e como ela age para impedir a desinformação. Amanda Garcia. **CNN Brasil**. fev. 2023. Disponível em <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/entenda-o-que-e-a-educacao-midiatica-e-como-ela-age-para-impedir-a-desinformacao/>> Acesso em 16 set. 2023
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRIZOLA, Jairo, FANTIN, Nadia. **Revisão da literatura e revisão sistemática da literatura**. **RELVA**, Juara, v. 3, n. 2, p. 23-39, jul./dez. 2016.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista *et al.* **Google educacional: utilizando ferramentas web 2.0 em sala de aula**. Paideia, Santos, v. 2, n. 5, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.
- BRASIL. Senado Federal. **PL 2630/2020**. Brasília, 2020.
- CAETANO, João Pedro Zambianchi. **Evolução histórica da liberdade de expressão**. ETIC- Encontro de Iniciação Científica. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/5581/5306>> Acesso: 20 de maio de 2023.

COSTA, Cláudio Fernandes. O ENEM E O DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PARA O TRABALHO E A CIDADANIA. **Em Pauta: TEIAS**: Rio de Janeiro, ano 5, nº 9-10, jan/dez 2004

CARVALHO Luís M. Governando a educação pelo espelho do perito: uma análise do pisa como instrumento de regulação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, p. 1009–1036, [s.d.]. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/Q8pmFzJkZnpZj8HWM9dckKf/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 1 jun. 2023

CASTRO, Cosette. Televisão digital e as possibilidades de acessibilidade audiovisual no Brasil. **Esferas**, Ano 3, no 5, Julho a Dezembro de 2014. p. 181-189.

CASTRO, Roberto. Platão contra os sofistas: sobre a retórica. **Convenit Internacional** 12 maio-agosto 2013 CEMOrOc-Feusp / IJI - Univ. do Porto / FIAMFAAM – Comunicação Social. Disponível em <http://www.hottopos.com/convenit12/05-14Roberto.pdf> acesso em 14 fev.2023

CHARLOT, Bernard. Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria. Tradução: Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. Les Fondements Anthropologiques d'une Théorie du Rapport au Savoir. **Revista Internacional Educon**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 1-19, 21 abr. 2021.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Victor Hugo Pereira. **Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado**. Belo Horizonte: Mediação, v. 13, n. 12, jan./jun. de 2011. Disponível em <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/509> Acesso em 16 jan. 2024.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Direitos humanos, cidadania e liberdade de expressão**. Comunicação & Educação, Rioja, v. 14, p. 53-60, ago. 2009

CRUZ, Wander Luis de Melo. Crescimento do e-commerce no Brasil: desenvolvimento, serviços logísticos e o impulso da pandemia de Covid-19. **GeoTextos**, vol. 17, n. 1, julho 2021. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/44572/24941> Acesso em 12 jan. 2024.

DUNKER, Christian. **A cultura do cancelamento**. Zero Hora. Porto Alegre, nº 19820. p.65. set 2020.

FELÍCIO, Luís Felipe Mendes. O Daesh, a Crise dos Refugiados na Síria e a Xenofobia de Governo na Europa. **Espaço Aberto**, PPGG - UFRJ, Rio de Janeiro, V. 8, N.2, p. 77-92, 2018.

FERRARI, A.; MACHADO, D.; OCHS, M. **Guia da Educação Midiática**. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2021/03/Guia-da-Educac%CC%A7a%CC%83o-Midia%CC%81tica-Single.pdf>. Acesso em 14 mar. 2023

FALCÃO, Paula; SOUZA, Aline Batista de. Pandemia de desinformação: as fake news no contexto da Covid-19 no Brasil. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 55-71, jan./mar. 2021.

FRIGOTTO, Gaudêncio e Universidade do Estado do Rio de Janeiro, organizadores. **Escola “sem” partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. 2ª reimpressão, LPP/UERJ, 2017.

KAERCHER, Nestor. A Geografia é o nosso dia-a-dia. **Boletim Gaúcho de Geografia**. N° 21 p.7-192. AGB. Porto Alegre. 1996. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38639/26361>> Acesso em 10 out. 2023.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28 ed. São Paulo, Ed. Loyola, 2014.

LOPES, Eduardo Lasmar Prado. Regulação é Censura? Igual Liberdade de Expressão e Democracia na Constituição de 1988. **Dados**, [S.L.], v. 66, n. 3, p. 1-40, 2023. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/dados.2023.66.3.298>. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/dados/a/cmy6tSKQZNjbCqWDBxHKFLz/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 04 set. 2023

MARTINEZ, F. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cadernos Pagu**, n. 56, 2019. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cpa/a/kb7C5tVWZP7nppBDSQjNqTm/?format=pdf&lang=pt>> acesso em 13 jul. 2023

MEIRA, Suedio Alves; MORAIS, Jader Onofre de. Os conceitos de geodiversidade, patrimônio geológico e geoconservação: abordagens sobre o papel da geografia no estudo da temática. **Boletim de Geografia**, Universidade Estadual de Maringá. [S.L.], v. 34, n. 3, p. 129, maio 2017.

MELO, Teresa Mary Pires de Castro; VASQUES, Eduardo Gomes. Cultura do cancelamento: Primeiras aproximações. **Etcétera: #ENSAYANDO**, Rioja, v. 8, p. 1-15, 2021. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9139121>> .Acesso em: 15 jan. 2024

NOAL, Rosa Elena; PITANO, Sandro de Castro; **Formação de professores e Cartografia Tátil: A Geografia Inclusiva**. 1. ed. Pelotas: Editora UFPel, 2014.

PENA, Felipe. . **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. v. 1. 260p

POKER, R.B. et al.. (2013). **Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado**. São Paulo: Cultura Acadêmica. Marília: Oficina Universitária.

PRANDI, Luiz Roberto, *et. al.* As mazelas da educação pública no Brasil: do

atraso à instrumentalização política do ensino. **Educere** - Revista da Educação, v. 15, n. 2, p. 203-217, jul./dez. 2015

REGNIER, Jean-Claude. A auto-avaliação na prática pedagógica. **Revista Diálogo Educacional** - v. 3 - n.6 - p.53-68 - maio/agosto, 2002. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/1891/189118140004.pdf>> Acesso em 08 jun. 2024

REUTERS, Fast Check. Checagem de fatos: Internet da Starlink não é única funcionando em meio às enchentes no RS. **Reuters**. São Paulo, mai 2024. Disponível em <<https://www.reuters.com/fact-check/portugues/J72PGZ7XZBPZZKELP5FB2P43BI-2024-05-08/>> Acesso em 30 jun. 2024

RIBEIRO, Jocenilson. Xenofobia e Discurso de Ódio ao Estrangeiro no Espaço de Enunciação da Tríplice Fronteira (Argentina-Brasil-Paraguai), p. 263 -292. In: **Processos Psicossociais de Exclusão Social**. São Paulo: Blucher, 2020.

ROCHA, Leonardo Cristian. As tragédias de Mariana e Brumadinho. **Caderno de Geografia**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. [S.L.], v. 31, n. 1, p. 184, 8 fev. 2021.

ROSA, Ana Paula da. Conflitos midiaticizados: das vidas perdidas à política das imagens em circulação. **Comunicação em contextos de guerras, conflitos e crises**. Líbero, São Paulo ano 25, n. 52, set./dez. 2022 p. 92-109. Disponível em <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/1821/1418>> Acesso em 05 nov. 2024

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento crítico à consciência universal**. 33ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2022.

SANTOS, Ana Lúcia Felix dos; AZEVEDO, Janete Maria Lins de. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, v. 14 n. 42 set./dez. 2009

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9 ed. Campinas, Autores Associados, 2005

SIMÕES, Willian. O lugar das Ciências Humanas na “reforma” do ensino médio **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 11, n. 20, p. 45-59, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/752/pdf>> Acesso em 13 ago. 2023

SILVA, Tiago Dionísio. Ausências e presenças da população negra no material didático de geografia para a Educação de jovens e adultos da SEDUC/RJ: Negligências, estigmas e estereótipos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 174-202, jul./dez., 2020

SOARES, Gleidenira Lima; SILVA, Janine Felix. **A INFLUÊNCIA DO NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO: REFLEXO NA FORMAÇÃO DOCENTE**. Revista Professare, Caçador, v.7, n.1, p. 26-40, 2018. Disponível em <<https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/1531>> Acesso em 07 out. 2024

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO, IV JORNADA DE PRÁTICA DE ENSINO, XIII SEMANA DE PEDAGOGIA DA UEM: "INFÂNCIA E PRÁTICAS EDUCATIVAS". Maringá, PR, 2007. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/view/15823482/artigo-mudi-uem> >. Acesso em: 29 out. 2022.

SPODE, P.; COSTA, I. T.; DE AGUIAR, P. A importância do processo de verticalização urbana para o ensino de Geografia. **Metodologias e Aprendizado** , [S. l.], v. 4, p. 249–257, 2021. DOI: 10.21166/metapre.v4i.2243. Disponível em: <<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/2243>> . Acesso em: 10 out. 2024.

STRAFORINI, R. A totalidade mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. Terra Livre, São Paulo, ano 18, v.I, n.18, p.95-114, jan./jun. 2002.

TSE, **Seminário Internacional Fake News e Eleições** : anais. – Brasília, 2019 Disponível em <<https://www.justicaeeleitoral.jus.br/desinformacao/arquivos/livro-fake%20news-miolo-web.pdf>> Acesso em 16 fev.2023.

VEIGA-NETO, Alfredo. Mais uma Lição: sindemia covídica e educação. **Educação & Realidade**, [S.L.], v. 45, n. 4, p. 1-20, 2020. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edreal/a/FtpkV5RY3Q64nvBdvxbSXwg/?lang=pt>> . Acesso em: 17 jan. 2024.

WARDLE, Claire. Guia essencial da First Draft para entender a desordem informacional. Nova York: First Draft, 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x76851> . Acesso em: 14 jun. 2023.